



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

Política e Futebol: A Copa do Mundo de 1978 na Argentina

Gustavo Monteiro Dias

Brasília, Dezembro de 2015.



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

Gustavo Monteiro Dias – 11/0061241

Política e Futebol: A Copa do Mundo de 1978 na Argentina

Monografia apresentada ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em História, sob a orientação do Prof. Dr. Jaime de Almeida.

Data da defesa: 14 de dezembro de 2015.
Banca Examinadora:

Prof. Dr. Jaime de Almeida (Orientador)

Prof. Dr. Carlos Eduardo Vidigal (HIS-UnB)

Prof. Dr. Mateus Gamba Torres (HIS-UnB)

Brasília, 2015.

RESUMO

Esta monografia tem como objetivo estudar e investigar a partir de fontes primárias e secundárias como se deu a relação entre o futebol e um dos regimes ditatoriais mais violentos e sangrentos da América Latina, isto é, a ditadura militar argentina dos anos de 1976 a 1983. No ano de 1978 o país sediou a Copa do Mundo de Futebol, assim, este trabalho busca compreender a dimensão histórica deste evento no contexto social e político do país, abordando e questionando certos acontecimentos históricos que permeiam a mente dos historiadores e dos aficionados por futebol, por exemplo: como foi a repercussão do Mundial de 78 no exterior e para os argentinos, quando tantos casos de perseguição, tortura e assassinatos ocorriam no país? Como era a relação entre Jorge Rafael Videla e o presidente da FIFA? Como o futebol foi visualizado pela Junta Militar? Como este evento está inserido na memória coletiva do povo argentino?

Palavras-chave: Futebol; Ditadura Militar; Política; Jorge Rafael Videla; Copa do Mundo.

ABSTRACT

This monograph aims to study and investigate, from primary and secondary sources, how was the relationship between soccer and one of the most violent and bloodiest dictatorships in Latin America, in other words, the Argentine Military Dictatorship that took place in the years of 1976 to 1983. In 1978, the country has hosted the FIFA World Cup. Thus, this work seeks to understand the historical dimension of this event in the social and political context of the country, analysing and asking about certain historical events that permeate the minds of historians and soccer's passionates, for example: what was the impact of 78' World Cup to foreigners and to the Argentineans, while so many cases of persecution, torture and murders were happening in the country? How was the relationship between Jorge Rafael Videla and FIFA President? How the Military Junta viewed the soccer? How this event is embedded in the collective memory of the Argentine people?

Keywords: Soccer; Military Dictatorship; Politics; Jorge Rafael Videla; World Cup.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus pela vida, saúde e discernimento que tem me dado ao longo destes anos.

Gostaria de fazer uma dedicação especial aos meus familiares, principalmente, a minha mãe Eliana Helena Dias e a minha vó Maria José da Silva Dias que nunca mediram esforços para garantir os meus valores, educação e sustento, além de serem as pessoas mais especiais que tenho em vida e grandes exemplos de seres humanos.

Agradeço ao Prof. Dr. Jaime de Almeida pela atenção, paciência, confiança, sugestões e por ser tão solícito ao longo da construção deste trabalho monográfico.

Sou grato também ao meu primo Hélber Ricardo Vieira pelas inúmeras conversas, incentivos, apoio e por ter compartilhado tantos momentos bons e ruins comigo que me auxiliaram imensamente a crescer como indivíduo e a chegar até aqui.

Agradeço aos meus excelentíssimos amigos: Alan Michel Alves Ramos, Bruno Alves Dourado, Dennis Rocha Toscano, Matheus de Almeida Roberto, Ramon Felipe Nascimento e Raphael Vinícius Costa que dedicaram parte do seu tempo para ler, revisar e/ou sugerir alterações a esta monografia e também por toda a amizade construída ao longo de tantos anos.

A minha fiel amiga Juliana Nobre de Castro pelo carinho, apoio e mensagens cheias de otimismo e alegria durante a minha graduação.

Aos meus irmãos que não são de sangue, mas estão comigo desde a infância Bruno Kennedy Lisboa de Queiroz, Douglas Fernando Corrêa, Felipe Nunes Soares e Raul Luiz Gonçalves Pamplona que nunca deixaram de me apoiar.

Ao meu amigo Hugo Aguiar Novaes por ter compartilhado livros e o seu vasto conhecimento no assunto.

Aos colegas de graduação, de PIBID e ao professor Glauco Falcão de Araújo Filho por toda a simpatia, conversas e conselhos.

E por último, mas não menos importante agradeço a todo o Núcleo de Estudos Futebolístico S4 que me auxiliou imensamente na construção deste trabalho monográfico com debates, propostas e ideias.

SUMÁRIO

1) INTRODUÇÃO	9
2) O FUTEBOL ARGENTINO E SUAS PERSPECTIVAS.....	11
3) JORGE RAFAEL VIDELA E O JOGO SUJO.....	18
4) COPA DO MUNDO DE 1978 – MAIS QUE UM TORNEIO DE FUTEBOL.....	27
5) CONCLUSÃO	44
6) ANEXOS	46
7) FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	52

1) INTRODUÇÃO

O futebol é uma paixão mundial que reúne multidões em torno do mundo. Pessoas de variadas crenças, idades, cores e origens para torcer por um time de futebol ou pela seleção nacional. Esses amantes do futebol são verdadeiros fanáticos que toda semana deixam suas famílias em casa, trabalho ou atividades do dia a dia para soarem seus objetos sonoros nos estádios, ondular suas bandeiras e gritar pelo seu clube de coração até perderem a voz. Brigam, discutem e choram de alegria ou tristeza por um time e jogadores com quem nunca tiveram sequer a oportunidade de conversar.

Todos os dias crianças e adolescentes enriquecem esse mundo, vivem e sonham em ser algum dia um jogador de futebol. No entanto, a grande maioria não tem êxito. Entre estas pessoas se encontra o autor deste trabalho monográfico. Portanto, este trabalho surge de um antigo sonho de infância que é trabalhar com o futebol.

Ao longo da graduação busquei pesquisar sobre o assunto e me encantei sobre o tema futebol argentino quando cursei em 2013 a matéria “Tópico Especiais em História da América 1” com o professor Jaime de Almeida. A matéria não era especificamente sobre futebol, e sim sobre obras cinematográficas argentinas que abordavam a ditadura militar argentina de 1976-1983. E em alguns daqueles tantos filmes surgiu o tema Copa do Mundo de 1978 e os atentados que permearam todo o evento. Ali percebi que aquele tema era interessante para se escrever em uma monografia de final de curso.

Neste sentido, este trabalho monográfico busca compreender como a ditadura argentina de Jorge Rafael Videla Redondo (1976-1981), o general argentino responsável por conduzir o país durante o evento Copa do Mundo, utilizou o esporte para promoção de um estado vencedor nas quatro linhas e fora dos gramados em um contexto de forte participação da imprensa internacional. Tendo isso em vista, o trabalho é dividido em três capítulos que são produzidos a partir da análise de fontes primárias como as edições da Revista Placar, do Brasil, e *El Litoral*, da Argentina, além da utilização de inúmeras outras fontes como livros de historiadores, sociólogos e antropólogos que apresentam o futebol das maneiras mais distintas possíveis.

No primeiro capítulo, “Futebol Argentino e suas perspectivas”, busco apresentar como o futebol é trabalhado no meio acadêmico, o que gira em torno dele e qual o seu significado

dentro da política argentina, tendo como foco específico o *hooliganismo*¹ na Argentina, que pode ser visualizado através das *barrabravas*, espécie de torcidas organizadas que cresceram de forma brusca durante o período ditatorial de 1976-1983 e foram responsáveis por diversas mortes no país, tendo laços inclusive com militares e hoje em dia com o tráfico de drogas e partidos políticos. O nacionalismo, a industrialização do futebol e a participação de grupos políticos no futebol argentino são outros temas abordados neste capítulo. Creio que estes são elementos necessários para compreender a paixão do argentino e a estrutura do futebol local.

No segundo capítulo, “Jorge Rafael Videla e o Jogo Sujo”, faz um breve balanço da situação econômica e política da Argentina nas décadas de 1960 e 1970, demonstrando como se deu a ditadura e o que motivou os militares a darem o golpe de 1976. O capítulo tem como tema principal compreender como o futebol esteve envolvido com a política, trabalhando com a morte de pessoas ligadas ao futebol e com aqueles que estiveram ligados ao regime, e dessa maneira, demonstrando que Jorge Rafael Videla não tinha limites e estava disposto a usar todos os mecanismos possíveis para alcançar seus objetivos. O polêmico jogo envolvendo Argentina *versus* Peru pela Copa do Mundo de 1978 também é lembrado e trabalhado neste capítulo.

O último capítulo é sobre a Copa do Mundo de 1978 e a maneira com que Videla arquitetou e conduziu o torneio, explicitando como foi a preparação e como novamente Videla usou este evento para que fosse uma arma de sua política, isto é, um evento para promoção da nação Argentina. O C.O.B.A², o comitê a favor do boicote a Copa do Mundo de 1978, a relação entre FIFA, João Havelange e Jorge Rafael Videla e as polêmicas a respeito de suspeitas de manipulação de resultados são outros temas abordados neste capítulo.

1 O que é o *Hooliganismo*? Segundo o Dicionário de Oxford, a origem da palavra não é certa, porém é comumente atribuída a sua criação aos irlandeses e é definido como um comportamento destrutivo e desregrado por parte de fãs do esporte, tal comportamento muitas vezes é associado a vândalos sob o efeito de álcool e/ou drogas.

2 O C.O.B.A (Comitê de Boicote à Copa da Argentina) foi um movimento criado na França para denunciar as violações aos direitos humanos cometidos na Argentina.

2) O FUTEBOL ARGENTINO E SUAS PERSPECTIVAS

O futebol cria diversos sentimentos entre os torcedores e seus clubes ou seleções. Os antropólogos da UFRGS, Ruben G. Oliven e Arlei S. Damo, afirmam que o futebol cria identidades sociais próprias, gera os mais variados sentimentos e cria ideais de pertencimento que formam uma espécie de nacionalismo do futebol, já que assim como os estados-nações o futebol exige lealdade e exclusividade, além de ser composto por instrumentos e símbolos sagrados como a bandeira, o hino, o mascote (na Copa do Mundo de 1978, o mascote foi o Gauchito que era um representante da cultura argentina. Embora tenha feito bastante sucesso entre as crianças, o Gauchito, foi criticado pelos especialistas por apresentar estereótipos do povo argentino e ser semelhante ao mascote da Copa do México de 1970, o Juanito³), o uniforme, a língua mãe, o culto a tradição, o culto à pátria, os ritos e o culto pela seleção nacional de esportes que é a representante de toda uma nação, isto é, a seleção de futebol pode ser vista como uma representação do povo argentino, brasileiro, chileno, colombiano ou de qualquer outra nação, mesmo que boa parte daqueles povos sequer goste de futebol⁴.



Gauchito: Mascote da Copa do Mundo de 1978 que simbolizava os argentinos⁵

Essas ideias levantadas pelos antropólogos da UFRGS podem ser revistas no livro “Sociologia do Futebol”, do escocês Richard Giulianotti, no qual o autor apresenta como o futebol se relaciona e cria determinadas identidades nacionais pela América Latina e pelo Mundo. Na Argentina, o sociólogo diz que os primeiros sentidos de identidade nacional

3 FARIAS, Airton de. **Uma história das Copas do Mundo : futebol e sociedade**, volume I. / Airton de Farias ; Ilustrações Daniel Brandão. - Fortaleza : Armazém da Cultura, 2014. Pág. 405.

4 OLIVEN, Ruben George; DAMO, Arlei Sander. Fútbol y cultura. Bogotá: Norma, 2005. Pág. 48.

5 FONTE DA IMAGEM: GUIOTECA

tradicional e popular através do futebol ocorrem concomitantemente com o crescimento de alguns símbolos nacionais míticos como o tango e o churrasco.

Nesta perspectiva, o futebol ainda na década de 1940 é utilizado como importante instrumento populista durante o governo de Juan Domingo Perón (1946-1955), período em que a Argentina ganhou três Copas América (1946, 1947 e 1955) e conquistou medalhas e títulos em diversos eventos e modalidades, por exemplo, o país foi o que mais ganhou medalhas nos jogos Pan-Americanos de 1951 (a Argentina ganhou 150 medalhas: os Estados Unidos, que foi o segundo colocado, obteve 95 medalhas), ganhando títulos também com Juan Manuel Fangio na Fórmula 1 e no tênis, criando-se assim uma imagem da força política e econômica da Argentina atrelada ao esporte.

Perón é um dos primeiros políticos a ver o esporte como uma importante ferramenta política. Isso também é visível através dos grandes eventos e reformas que ele trouxe para o país. Neste período, a Argentina recebeu grandes prêmios de Fórmula 1, o Pan-Americano de 1951 e reformou e construiu diversos estádios como o estádio do seu clube de infância, o *El Cilindro*, do Racing Club⁶. Adivinhem qual foi o nome oficial dado ao estádio? Estádio Juan Domingo Perón. Alguma coincidência? Posteriormente, foi uma imagem negativa que foi construída com as derrotas no futebol durante os governos dos generais Leonardi e Pedro Eugenio Aramburu⁷.

Como pode ser visto nos últimos parágrafos, o esporte é um elemento bastante estudado dentro dos campos da sociologia e da antropologia, porém não se restringe apenas a estas áreas, à história, à psicologia⁸, à administração, à filosofia e outras ciências também já o estudam há algum tempo, tendo um aumento dos estudos bastante significativo nos últimos anos com a popularização ainda maior do futebol, do tênis, da Fórmula 1 e de outros tantos esportes que são tradicionais na Argentina. Na década 60, notava-se já alguns estudos, inclusive dentro da antiga União Soviética. A URSS, por exemplo, utilizou o computador e a ciência neste período para descobrir novos métodos para que as derrotas frente ao Brasil no futebol não se repetissem⁹.

6 FARIAS, Airton de. **Uma história das Copas do Mundo : futebol e sociedade**, volume I. / Airton de Farias ; Ilustrações Daniel Brandão. - Fortaleza : Armazém da Cultura, 2014. Pág. 402

7 AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou Morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional**. Rio de Janeiro: FAPERJ : Mauad, 2002. Pág. 165-170

8 FRANCO Jr., Hilário. **A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura**. São Paulo : Companhia das Letras, 2007. Pág. 190.

9 REVISTA PLACAR, 27 de Janeiro de 1978, Pág. 42.

Na história pode-se observar trabalhos relevantes já em 1938 como a obra “*Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*”, de Johan Huizinga (1872-1945), professor neerlandês de história, que auxiliou a historiografia a desenvolver ideias referentes à história das mentalidades ou história cultural em um período de turbulências. Huizinga viveu na Holanda ocupada pelos nazistas, tendo sido prisioneiro do regime após 1942.

Na referida obra, Johan Huizinga, trata de assuntos então contemporâneos como o uso perverso do esporte pelo totalitarismo, o aspecto lúdico do jogo que foi sendo abandonado com o tempo por uma indústria capitalista que se apropriou do espírito do jogo e transformou o prazer de brincar em fonte de lucro, a ética no esporte e o espírito e as mudanças no caráter do jogo, ou seja, o jogo como um fator primordial dentro da cultura e da civilização¹⁰.

Dentro desses campos de estudos que foram relatados (Sociologia, Antropologia, História, Psicologia, etc.) um objeto que tem ganhado bastante força na academia são os estudos a respeito do *hooliganismo*, isto é, o comportamento gerador de certas violências sociais como a violência futebolística. A sua criação não é certa, mas o termo está comumente ligado as grandes tragédias que acontecem no esporte e, principalmente, no futebol, Huizinga mesmo já se fazia perguntas a respeito do comportamento dos torcedores: “*Por que uma multidão imensa pode ser levada até ao delírio por um jogo de futebol?*”¹¹.

Os questionamentos continuam e aumentam a cada dia sobre o comportamento dos torcedores no ambiente acadêmico. Alguns deles são: “*Quais são as razões da violência no futebol? Quais são suas origens? A violência nasce dentro ou fora dos estádios? Até que ponto o hooliganismo está ligado ao banditismo, o tráfico de drogas e a partidos políticos?*”.

Todas essas perguntas surgem a partir do momento em que se vê grandes políticos como o ex-presidente do Conselho de Ministros da Itália, Silvio Berlusconi, sendo proprietário de um dos maiores clubes da Itália, o A.C. Milan, grupos ultra-nacionalista na Sérvia dominando o futebol e membros do narcotráfico colombiano sendo responsáveis pela morte de jogadores, como Andrés Escobar, que morreu após cometer uma falha na Copa do Mundo de 1994 e pagou por essa falha com sua vida ao chegar em seu país. Todos esses indivíduos e grupos participam ativamente do futebol.

Na Argentina, o *hooliganismo* está intimamente ligado às torcidas intituladas “*barrabravas*” que são responsáveis por grandes espetáculos visuais e pirotécnicos nos jogos

10 ROHDEN, Luiz. **Filosofia e Futebol: troca de passes**. Porto Alegre: Sulina, 2012. Pág. 134-148.

11 HUIZINGA, Johan. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo : Perspectiva, 2000. Pág. 5.

de suas agremiações, assim como também são responsáveis pelas grandes tragédias. Os *barrabravas* podem ser identificados através de bandeiras, gritos nacionalistas, uso da violência física nas proximidades dos estádios, utilização de bumbos para marcar o compasso de seus cânticos, e não pertencem a uma classe social específica como algumas pessoas tentam afirmar erroneamente. Eles estão espalhados por todas as classes sociais na Argentina, sendo comerciantes, operários, seguranças de deputados, vereadores ou prefeitos e até mesmo políticos ou empresários¹².

Na Argentina, a Copa de 1978 é considerada um divisor de águas em relação aos *barrabravas*. O jornalista Ariel Palacios afirma que a partir deste evento e do início da ditadura militar os *barrabravas* tornaram-se mais agressivos graças a uma certa convivência dos militares e a um esquema de poder dos cartolas do futebol local com os integrantes destas torcidas. Os *barrabravas* teriam consolidado seu crescimento por conta da cumplicidade com as autoridades desportivas chegando até a participar ativamente da política como pôde ser visto alguns anos após a Copa de 1978 com os movimentos contrários a Raúl Alfonsín em 1988. Estes movimentos foram comandados por diversos líderes de *barrabravas*, como por exemplo, o sindicalista Luis Barrionuevo, integrante da *barrabrava* do Chacarita Junior¹³.

O jornalista Amílcar Romero, autor de “*Muerte en la cancha*”, afirma que houve cerca de cem mortes relacionadas ao futebol entre 1958 e 1985 na Argentina¹⁴. Destas 100 mortes, muitas estariam relacionadas com membros das torcidas *barrasbravas* que praticavam e ainda praticam hoje em dia atos ilegais dentro e fora dos estádios. Outro estudo feito na Argentina afirmou que ocorreram 270 mortes entre 1924 e 2014¹⁵. O número elevado talvez possa ser explicado pela proteção do Estado que não penalizava os responsáveis por esses homicídios, tendo assim acontecido o maior número de mortes durante o período das ditaduras militares¹⁶. Nas últimas décadas os *barrabravas* foram acusados de estarem ligados ao chefe do futebol argentino, Julio Grondona, ex-presidente da Associação de Futebol Argentino (AFA) e à

12 PALACIOS, Ariel. **Os hermanos e nós** / Ariel Palacios e Guga Chacra. - São Paulo : Contexto, 2014. Pág. 89.

13 PALACIOS, Ariel. **Os hermanos e nós** / Ariel Palacios e Guga Chacra. - São Paulo : Contexto, 2014. Pág. 86-88.

14 ROMERO, Amilcar G. **Muerte em la cancha (1958-1985)**. Buenos Aires: Editorial Nueva America, 1986. Pág. 7.

15 PALACIOS, Ariel. **Os hermanos e nós** / Ariel Palacios e Guga Chacra. - São Paulo : Contexto, 2014. Pág. 89.

16 ROMERO, Amilcar G. **Muerte em la cancha (1958-1985)**. Buenos Aires: Editorial Nueva America, 1986. Pág. 228.

família Kirchner¹⁷.

Algumas outras questões também envolvem as *barrasbravas*, como o tráfico de drogas, o movimento de capital no comércio e a corrupção dentro do Estado; inclusive, especula-se que estas torcidas sejam financiadas por dirigentes de futebol, agentes do governo, traficantes, jogadores e celebridades que procuram obter benefícios a partir desses grupos de torcedores. Muitas vezes esses indivíduos (celebridades, empresários, políticos, etc...) são até integrantes das barras bravas¹⁸.

Para finalizar esse debate em torno das torcidas e como a violência no futebol argentino e mundial pode ser avassaladora cito como exemplo a *Tragédia do Estádio Nacional do Peru*, considerado o maior desastre do futebol mundial¹⁹. A tragédia aconteceu numa partida entre Peru e Argentina, em 1964, quando 318 torcedores morreram e 500 ficaram feridos após um tumulto entre torcedores e policiais peruanos. O jogo estava 1 a 0 para a Argentina quando o Peru empatou, o árbitro uruguaio anulou o gol, causando a fúria da torcida peruana que invadiu o gramado para agredir os jogadores argentinos e o árbitro. A polícia teve que intervir lançando gás lacrimogêneo e soltando os cães ferozes no meio da multidão causando um forte tumulto. No empurra-empurra dezenas de pessoas foram pisoteadas e mortas. Este é um exemplo clássico do que a fúria das torcidas pode acarretar e os sentimentos que uma partida de futebol pode gerar.

Uma outra questão que tem ganhado espaço e não se distancia tanto do que já foi relatado são os debates sobre as rivalidades. O sociólogo Richard Giulianotti afirma que o esporte, e principalmente o futebol, é composto por elementos como linhagens, tribos, castas, estratos, corporações, classes, clãs e aspectos geográficos, psicológicos e culturais. A partir destes elementos cada clube constrói uma identidade fazendo com que esses elementos interajam cada vez mais e daí nasçam as rivalidades.

Na América do Sul, a seleção da Argentina criou uma rivalidade enorme com a seleção do Brasil em grande medida por questões geográficas. Os mais de 100 jogos disputados entre as duas seleções entre 1914-2014 e a formação dos maiores craques do futebol (Di Stéfano, Messi, Maradona, Romário, Ronaldo e Pelé) que estão sempre disputando o título de melhor

17 PALACIOS, Ariel. **Os hermanos e nós** / Ariel Palacios e Guga Chacra. - São Paulo : Contexto, 2014. Pág. 90-91.

18 CLARÍN. Disponível em: < <http://edant.clarin.com/diario/2006/09/06/deportes/d-04415.htm> > Acesso em: 9 de Junho de 2014.

19 FRANCO Jr., Hilário. **A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura**. São Paulo : Companhia das Letras, 2007. Pág. 191.

jogador do mundo também ajudaram nesta rivalidade, segundo o jornalista Ariel Palacios²⁰.

Outra forte rivalidade é entre as seleções da Inglaterra e da Argentina, como pode ser visto através da Copa do Mundo de 1966, realizada na Inglaterra, quando as duas seleções se confrontaram e ao final da partida o técnico inglês tratou os argentinos como animais por discordâncias políticas, ou seja, a rivalidade também pode ser ocasionada por aspectos políticos e militares como o que envolve Argentina e Inglaterra que tornou-se ainda mais forte por conta do conflito nas ilhas Malvinas em 1982²¹. Apesar desta rivalidade é notável a influência dos 'inventores' do futebol na Argentina. Uma grande parte dos clubes argentinos possuem nomes ingleses: River Plate, Boca Juniors, Newell's Old Boys, All Boys, Racing Club, Banfield, Chaco For Ever e Temperley²².

Além desses debates outros ganham mais espaço dentro da academia como os estudos sobre identidade, cultura, ideologia, ritos, mercantilização, globalização e o racismo no futebol que cada vez geram mais discussões. Aliás, a questão do rito e das superstições é algo bem marcante na Argentina e importante para História Cultural, já que alguns destes resquícios permanecem ainda hoje na cultura argentina. Como exemplos de tradições e ritos se pode citar o caso do técnico da Seleção Argentina de 1978, César Luis Menotti, que usava sempre a mesma gravata considerando que aquela dava sorte ao time.

No entanto, a história mais marcante é a maldição da Virgem de Tilcara: o técnico Bilardo e um grupo de jogadores da seleção argentina prometeram durante os treinamentos para a Copa de 1986 que caso ganhassem o mundial voltariam à igreja da Virgem de Copacabana del Abra em Punta del Corral na província de Jujuy com os jogadores e o troféu da Copa do Mundo²³. Vitorioso, Bilardo não voltou com troféu e muito menos com os jogadores, e desde então a Argentina não ganhou mais a Copa do Mundo. Teria sido por conta da promessa? Para alguns argentinos a resposta é “sim”.

Como pode ser visto, o campo de estudo a respeito do futebol argentino é vasto e bastante amplo, porém ainda não é tratado com a devida atenção e importância por boa parte

20 PALACIOS, Ariel. **Os hermanos e nós** / Ariel Palacios e Guga Chacra. - São Paulo : Contexto, 2014. Pág. 18-19.

21 FRANCO Jr., Hilário. **A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura**. São Paulo : Companhia das Letras, 2007. Pág. 201-202.

22 PALACIOS, Ariel. **Os hermanos e nós** / Ariel Palacios e Guga Chacra. - São Paulo : Contexto, 2014. Pág. 29.

23 PALACIOS, Ariel. **Os hermanos e nós** / Ariel Palacios e Guga Chacra. - São Paulo : Contexto, 2014. Pág. 133-136.

da universidade, mesmo o futebol sendo uma importante ferramenta para construção do pensamento sistematizado acerca da sociedade contemporânea desde o início do século XX. O capítulo a seguir discutirá o papel de Jorge Rafael Videla no contexto da ditadura militar argentina e como este utilizou o futebol para promoção da imagem dos militares.

3) JORGE RAFAEL VIDELA E O JOGO SUJO

Durante a década de 1970 inúmeras ditaduras militares aconteceram pela América Latina, governos caíram e assumiram juntas militares dispostas a mudar o panorama de seus países dando fim aos governos corruptos, a campanhas comunistas e a crises econômicas que mantinham estes países em situação instável. No entanto, o que trouxeram consigo foi o terror, o pânico e o medo. A perseguição, a tortura e a morte de centenas de pessoas foram algumas das consequências desses regimes para aqueles que não seguiam as normas ou iam contra o regime vigente. Os indivíduos foram silenciados e obrigados a conviver com uma campanha de promoção da imagem do estado através de diversos mecanismos e ferramentas, entre os quais estava o esporte. Na Argentina não foi diferente.

Argentina, 1º de Julho de 1974: morre o general Juan Domingo Perón, e assume o poder sua companheira María Estela Martínez Perón, a primeira mulher a exercer o cargo de presidente na Argentina. Isabelita, como era conhecida, chegou ao poder rodeada por problemas, entre os quais estavam uma grave crise financeira e a violência que assolava o país. O contexto histórico argentino não era nada favorável. O país havia passado até pouco tempo por um golpe de estado que culminou na ditadura militar que se auto-denominava Revolução Argentina de 1966. O Regime ditatorial perdurou até 1973. Em 1973 foi alçado novamente ao poder Juan Domingo Perón que havia governado o país durante os anos de 1946-1955, mas que se encontrava exilado na Espanha desde a sua queda em 1955 quando foi deposto graças a um golpe militar.

Perón chegou ao seu segundo período de governo incumbido de provocar uma mudança social e para isso contava com o apoio de boa parte do povo argentino. Apoio que ele teve mesmo no período em que esteve exilado²⁴, porém a presença de Perón não foi suficiente para provocar as esperadas mudanças na Argentina nos anos de 1973 e 1974²⁵.

Deve-se salientar que o início da década de 1970 é marcada por ações contra a ditadura de Onganía como as efetuadas pela organização guerrilheira *Montoneros*. Além dos *Montoneros* que no início da década de 1970 assumiam uma identidade peronista e tinham

24 PÉREZ GHILHOU, Dardo; SEGHESSO, María Cristina (eds.), **El golpe de 55**, Partidos políticos, ideias e debates, Mendoza: Ex-libris/ASTREA, 2007, pág. 978-987.

25 NOVARO, Marcos. **A ditadura militar argentina 1976-1983: do golpe de estado à restauração democrática**. São Paulo. EdUSP, c2007, pág. 38.

como base os elementos do marxismo revolucionário latino-americano fundamentado nas ideias de Che Guevara e Fidel Castro, outros grupos e movimentos das mais diferentes ideologias ganharam força na Argentina como o *Ejército Revolucionario del Pueblo* e a *Alianza Anticomunista Argentina*. Todo este conjunto de organizações guerrilheiras tornou a situação política do país bastante conflituosa. Onganía caiu, veio Perón que pouco contornou a situação política do país. Este morreu e em seguida sobrou para Isabelita assumir o poder e ser atacada e criticada por todas as partes, inclusive pela imprensa, empresários, políticos e a Igreja²⁶.

É neste cenário de caos que, no dia 24 de Março de 1976, o comandante do Exército, Jorge Rafael Videla Redondo, apoiado pelo almirante Emilio Eduardo Massera da Marinha e o brigadeiro general Orlando Ramón Agosti da Força Aérea dão um golpe de estado, e assim substituem o governo de Isabelita Perón, iniciando um processo chamado de Processo de Reorganização Nacional. Deve-se salientar que no dia 18 de dezembro de 1975 o brigadeiro Capellini da Aeronáutica já havia tentado dar um golpe, porém sem sucesso²⁷.

A motivação do golpe seria por conta dos ataques terroristas que aconteciam cada vez em maior número, um "vazio no poder" e o grande risco que a república corria, sendo assim os militares propunham colocar nos trilhos uma sociedade afundada no caos e, desta maneira, garantir a unidade e a ordem da nação²⁸. Segundo eles, os pilares da desordem encontravam-se em alguns setores como a classe operária "indisciplinada" e o empresariado "ineficiente"²⁹.

No dia 24 de novembro de 1976, a Juntar Militar já começaria a dar os primeiros sinais do que viria acontecer constantemente num país que sediaria a Copa do Mundo de 1978: a perseguição, o desaparecimento, o sequestro, a tortura e o assassinato de milhares de jovens por motivações religiosas ou políticas. Esses acontecimentos, posteriormente, viriam a ser chamado de Guerra Suja.

Neste dia relatado no início do parágrafo, 200 homens das Forças Armadas atacaram uma casa sossegada nas ruas de La Plata com tiros de metralhadora. O alvo: Daniel Mariani,

26 ANGOSO, Ricardo. **Jorge Rafael Videla se confiesa. La historia jamas contada de un período turbulento.** Lecturas para el debate. Pág. 15

27 NOVARO, Marcos. **A ditadura militar argentina 1976-1983:** do golpe de estado à restauração democrática. São Paulo. EdUSP, c2007, pág. 25

28 NOVARO, Marcos. **A ditadura militar argentina 1976-1983:** do golpe de estado à restauração democrática. São Paulo. EdUSP, c2007, pág. 41

29 NOVARO, Marcos. **A ditadura militar argentina 1976-1983:** do golpe de estado à restauração democrática. São Paulo. EdUSP, c2007, pág. 49.

economista, e sua mulher, Diana Teruggi, estudante de pós-graduação, ambos membros do grupo *Montoneros*.

No porão da casa havia uma gráfica que imprimia o jornal clandestino *Evita*. Daniel não estava em casa, e sim em Buenos Aires, porém sua mulher e a filha, Clara Anahí, estavam. A sua esposa teve um destino trágico, enquanto Clara Anahí, a bebê, foi escondida dentro de uma banheira com toalhas. Os militares a encontraram e dois policiais a levaram. O desaparecimento de Clara Anahí causou pânico e sua avó, María Isabel Chorobike Mariani, a Chicha, começou uma saga em busca da criança por todos os hospitais, delegacias, juizados e igrejas sem obter nenhuma informação. Na busca, conheceu Alicia de La Cuadra, que lhe apresentou "*Las Madres de la Plaza de Mayo*", entidade criada em abril de 1977 que tinha como objetivo encontrar "*los desaparecidos*". Esta história é toda contada detalhadamente pelo escrito Francisco Goldman³⁰.

"*Las Madres de la Plaza de Mayo*" ficaram bastante conhecidas pelo mundo inteiro, inclusive pelos jogadores que disputaram a Copa do Mundo de 1978. Jan Jongbloed, goleiro da seleção holandesa e Ronnie Hellström, goleiro da seleção da Suécia de 1978 foram alguns dos jogadores e estrangeiros que acompanharam durante o Mundial os protestos feitos pelas *Madres de la Plaza de Mayo*. Em entrevista em junho de 2011 ao periódico *Agencia Télam*, o goleiro holandês relatou também que sabia da existência da *Escuela de Mecánica de la Armada*, o centro de tortura e extermínio de Videla. Além disso, disse que os jogadores holandeses sabiam através da televisão e do rádio o que acontecia na Argentina³¹.

O projeto dos militares era claro. A sociedade deveria se dedicar aos seus afazeres profissionais, isto é, as mulheres, a ser boas donas de casa, esposas e mães; os professores, deveriam formar argentinos respeitadores da lei e da ordem; estudantes, deveriam estudar, esportistas, apenas praticar seus esportes da melhor forma possível e assim em diante. O silêncio era a saúde de Buenos Aires, segundo as campanhas publicitárias da época³².

Apesar das denúncias contra Videla, nota-se que a Argentina gozava de boa saúde no entender de diversos setores que auxiliavam a criar uma imagem inversa do que afirmou Jan Jongbloed. O país detinha um faustoso centro de imprensa e televisão, inclusive houve a construção da maior central de televisão da Argentina para Copa do Mundo de 1978. O

30 GOLDMAN, Francisco. **Filhos da Guerra Suja**. Revista Piauí, 2012. Pág. 1-3

31 ELORTIBA. Disponível em < <http://www.elortiba.org/notapas1215.html> >. Acesso em: 15 de Junho de 2014.

32 NOVARO, Marcos. **A ditadura militar argentina 1976-1983: do golpe de estado à restauração democrática**. São Paulo. EdUSP, c2007, pág. 44.

Mundial também foi o primeiro a ser transmitido para o mundo com imagem colorida. Contudo, há uma ironia nisso tudo: os argentinos assistiram a Copa do Mundo com a imagem em preto e branco³³. Estádios impecáveis, aeroportos novos, carros modernos, turistas argentinos dizendo no comércio brasileiro “*deme dos*”, Silvana Suárez sendo eleita Miss Universo, vitórias no esporte com Guillermo Villas no tênis e Carlos Reutemann na Fórmula 1 e um forte poderio militar que fazia o país ameaçar o Chile pelo canal de Beagle³⁴, e se não bastasse isso tudo ainda detinha a benção do papa direto de Roma, além do apoio de diversas celebridades da imprensa, do esporte e da política internacional, por exemplo, Henry Kissinger, ex-secretário e diplomata norte-americano. Essa era uma realidade dada em representações pelo regime.

Deve-se dizer também que nas décadas de 1960 e 1970, várias das ditaduras instaladas na Argentina foram construídas com o apoio dos Estados Unidos. Isso em certa medida explica a presença e apoio de Henry Kissinger durante o Mundial, mesmo que este fosse um grande entusiasta do futebol³⁵. O capitão da seleção alemã Berti Vogts também era um dos defensores do Mundial argentino e dizia que no país reinava a ordem e que não havia visto nenhum preso político durante a sua estadia. Talvez o capitão do selecionado alemão não tenha mesmo visto, mas isso tem uma explicação.

Jorge Rafael Videla e seus aliados assassinavam milhares de argentinos sem deixar rastros. Alguns dos capturados pelos militares, foram transportados em aviões e jogados vivos no fundo do mar. Os comentaristas locais eram obrigados a elogiar a equipe nacional, apesar das fracas exhibições da seleção e de toda a desconfiança que girava em torno de um time que não havia se classificado para Copa do Mundo de 1970 e que havia fracassado na Copa do Mundo de 1974. Além disso, para maquiagem ainda mais o que acontecia no país, Videla, teria pago meio milhão de dólares a uma empresa para promover a imagem do país, a *Burson-Masteller*³⁶. O que teria dado certo, já que o que se viu foi uma reação e um comportamento passivo por boa parte dos torcedores argentinos. No momento da Copa do Mundo a euforia

33 ARGENTINA CAMPEONES: 1978 Fifa World Cup Official Film, Direção: Steve Hudson. Fotografia: Roland Henze. Worldmark Productions, 1978, 1 DVD (90 min), color.

34 BLOGS ARIEL PALACIOS, Disponível em: < <http://blogs.estadao.com.br/ariel-palacios/21-de-junho-de-1978-videla-entra-no-vestiario-dos-jogadores-peruanos-e-fala-sobre-solidariedade/> >. Acesso em: 15 de Junho de 2014.

35 AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou Morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional**. Rio de Janeiro: FAPERJ / Mauad, 2002. Pág. 178.

36 GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Porto Alegre: L&PM, 2013. Pág. 149-153.

era maior que o medo. Para Ariel Palacios, a paixão do argentino pelo futebol nas décadas de 1970 e 1980 era gigante, talvez, maior até que hoje em dia. O escritor justifica com as estatísticas da época, já que os números demonstravam que centenas de milhares de pessoas se reuniam nas ruas de Buenos Aires para ver os jogos. Um número muito maior que os números atuais³⁷.

Jorge Rafael Videla foi aplaudido 6 vezes pelas multidões nos estádios, foi ovacionado na Praça de Maio após a conquista do título, e o gasto desvairado praticamente não era questionado. As denúncias que surgiam e eram interpretadas como antipatriotismo. O frenesi era tanto que o general e presidente da Argentina nos anos de 1982 e 1983, Reynaldo Bignone, teria dito a alguns após o Mundial que se a junta tivesse convocado eleições durante o campeonato, Jorge Rafael Videla teria vencido as eleições facilmente. A imprensa não questionava nada, pois estava proibida. Quem enfrentasse a censura corria o risco de cair em um dos inúmeros centros de tortura espalhados pelo país. A propaganda do regime era bastante clara distribuindo adesivos com os dizeres “*los argentinos somos derechos e humanos*”³⁸, e assim negando qualquer atentado ou envolvimento com torturas ou mortes.

Para exemplificar a perseguição aos opositores e desafetos de Jorge Rafael Videla pode-se citar Omar Carlos Actis, presidente do Ente Autárquico Mundial (EAM), órgão do governo responsável pela organização da Copa do Mundo da Argentina que foi morto anos antes do torneio³⁹. Omar Carlos Actis era um homem que tinha fama de ser incorruptível, defensor de menores gastos e maior austeridade. Algo contrário ao que o regime pretendia. Após sua morte foi colocado o almirante Carlos Alberto Lacoste que seguia a linha contrária de Actis. Suspeitas surgiram e Lacoste foi um dos acusados de tramarem a morte de Actis, porém nada foi provado contra a sua pessoa⁴⁰. O Secretário da Fazenda, Juan Alemann, foi outro que criticou os gastos estrondosos com a Copa do Mundo, porém teve mais sorte e conseguiu sobreviver a uma tentativa de homicídio.

Quando o país foi escolhido como sede a previsão de gastos, segundo o general Emilio Massera, era de um custo total de 70 milhões de dólares. Ao final da Copa do Mundo, alguns

37 PALACIOS, Ariel. **Os hermanos e nós** / Ariel Palacios e Guga Chacra. - São Paulo : Contexto, 2014. Pág. 67.

38 PALACIOS, Ariel. **Os hermanos e nós** / Ariel Palacios e Guga Chacra. - São Paulo : Contexto, 2014. Pág. 146-149.

39 FOLHA DE SÃO PAULO, 20 de Agosto de 1976, Pág. 7.

40 FARIAS, Airton de. **Uma história das Copas do Mundo : futebol e sociedade**, volume I. / Airton de Farias ; Ilustrações Daniel Brandão. - Fortaleza : Armazém da Cultura, 2014. Pág. 400

estudos demonstraram que foram gastos 700 milhões de reais⁴¹. As críticas de Actis e Alemann eram bem fundamentadas, já que os números da economia eram desastrosos. Muito por conta da estagnação industrial, da inflação que aumentava ano após ano e de escândalos de corrupção que não podiam ser denunciados. Jorge Rafael Videla, para justificar algumas mortes, acabou responsabilizando os grupos guerrilheiros. O clima era de temor entre os oposicionistas, principalmente, aqueles ligados à luta armada contra o regime. Enquanto a grande parcela da sociedade argentina nada viam ou, talvez, preferiam fingir que nada viam. Especula-se que na Argentina havia 500 centros de detenção e tortura, que 30 mil pessoas tenham desaparecido durante a ditadura⁴², e que entre estas 30 mil pessoas desaparecidos estariam 40 atletas federados na AFA, segundo o jornal *O Globo*, de 17 de Maio de 2013.

Observa-se também que atletas cooptaram com o governo argentino. É o caso do ex-goleiro do Vasco da Gama, Edgardo Norberto “*El Gato*” Andrada, goleiro conhecido no Brasil e no mundo por ter sofrido o milésimo gol de Pelé em 1969. O arqueiro é acusado de ser participante do grupo clandestino *Patotas* que realizava sequestros e torturava civis a serviço da ditadura. Andrada também teria sido um dos agentes secretos do C-3 do Destacamento de Inteligência. Além disso, é acusado de ter sido o sequestrador de Osvaldo Cambiasso e Eduardo Pereira Rossi, integrantes do Partido Justicialista (Peronista)⁴³.

Em relação aos torturados existem dois jogadores bastante conhecidos na Argentina: Carlos Alberto Rivada e Claúdio Tamburrini. O primeiro foi jogador do Huracán e era contrário ao regime. Foi sequestrado em fevereiro de 1977 com a mulher e os filhos. Dias depois ao sequestro as crianças apareceram em um hospital e foram devolvidas à família, porém Carlos Alberto Rivada e a mulher nunca mais foram encontrados. A história de Claudio Tamburrini já é a mais conhecida. O goleiro do Almagro foi preso na mesma época de Rivada por ter amigos de esquerda. Tamburrini foi levado a um centro de tortura conhecido como *Mansión Seré*. Alguns meses depois de sua captura ele conseguiu fugir ao lado de três companheiros. A história se tornou filme em 2006: *Crónicas de una fuga*.

A influência de Videla e as teorias acerca de suas manobras no Mundial e do seu poder de ameaçar e dar fim a pessoas foram inúmeras. Na polêmica partida em que a Argentina

41 PALACIOS, Ariel. **Os hermanos e nós** / Ariel Palacio e Guga Chacra. - São Paulo : Contexto, 2014. Pág. 152

42 BLOGS ARIEL PALACIOS, Disponível em: < <http://blogs.estadao.com.br/ariel-palacios/21-de-junho-de-1978-videla-entra-no-vestiario-dos-jogadores-peruanos-e-fala-sobre-solidariedade/> >. Acesso em: 15 de Junho de 2014.

43 PALACIOS, Ariel. **Os hermanos e nós** / Ariel Palacio e Guga Chacra. - São Paulo : Contexto, 2014. Pág. 165-167.

tinha que ganhar com 4 gols de diferença do Peru para se classificar para a final, o nome de Videla esteve envolvido em todos os noticiários e teorias da conspiração. A Argentina ganhou aquela partida por 6 a 0 do Peru e foi à final. Uma das teorias que surgiram é a de que Videla teria mandado ameaçar a família do goleiro peruano Quiroga, argentino de nascimento, que atuava pela seleção do Peru. A família do jogador morava na cidade de Rosário; o jogador nega que tenha sofrido ameaças⁴⁴.

Outras teorias dizem que Videla subornou o general peruano Francisco Morales Bermúdez, prometendo um carregamento de 14 mil toneladas de trigo argentino, além de “créditos especiais” em troca do resultado do jogo. As teorias não acabam por aí. Existem versões de que o ditador argentino teria dado 50 mil dólares para todos os jogadores peruanos, outras teorias já dizem que apenas alguns jogadores receberam tal quantia⁴⁵. Recentemente, um ex-senador peruano colocou mais uma teoria da conspiração em circulação de que houve um acordo entre Peru e Argentina, os argentinos ficariam com a vitória por goleada e o Peru mandaria 13 prisioneiros peruanos que lideravam uma greve contra o regime de Francisco Morales Bermúdez⁴⁶. Essa última teoria ganhou bastante força nos últimos anos com a descoberta da Operação Condor. A Operação Condor consistia em uma cooperação entre as ditaduras na América Latina, isto é, troca de informações e experiências, espionagem, prisão, tortura e eliminação de adversários políticos, etc⁴⁷.

Até hoje ficam as especulações, mas o que se sabe é que esse é o jogo mais longo da história das Copas do Mundo, já que essa história rende até hoje, mesmo tendo se passado 37 anos após aquele fatídico jogo para os brasileiros, que foram eliminados por conta do resultado. No final das contas, a Argentina foi para a final, venceu a Holanda e consolidou a imagem de um líder por meio do futebol. No entanto, o rumo da história poderia ser diferente. Não apenas por conta de uma possível eliminação contra o principal rival, o Brasil, que sujaria a imagem de Videla, mas também por conta de uma tragédia que quase aconteceu momentos antes do jogo final contra a Holanda. O avião que buscava Jorge Rafael Videla

44 PALACIOS, Ariel. **Os hermanos e nós** / Ariel Palacios e Guga Chacra. - São Paulo : Contexto, 2014. Pág. 168-169.

45 PALACIOS, Ariel. **Os hermanos e nós** / Ariel Palacios e Guga Chacra. - São Paulo : Contexto, 2014. Pág. 163-165.

46 ESTADÃO, Disponível em: < <http://esportes.estadao.com.br/noticias/versao-imprensa,argentina-6-x-0-peru-ainda-nao-acabou-imp-,832895> >. Acesso em 15 de Junho de 2014.

47 FARIAS, Airton de. **Uma história das Copas do Mundo : futebol e sociedade**, volume I. / Airton de Farias ; Ilustrações Daniel Brandão. - Fortaleza : Armazém da Cultura, 2014. Pág. 416.

caiu⁴⁸.

HELICÓPTERO CAIU ANTES DO PRESIDENTE EMBARCAR

O helicóptero da Fuerza Aérea Argentina, que trabalhou intensamente para proteger delegações e autoridades que foram a Rosário, fez seu último voo no dia do jogo Brasil e Argentina. Reservado para transportar o General Vidella até o estádio, efetiva-

mente o aparelho tomou o rumo do Aeroporto de Fisherton, onde se encontrava o presidente argentino. Porém, não chegou a seu destino: caiu a dois quilômetros do local de pouso, matando todos os seus quatro ocupantes.

Sérgio A. Carvalho

Matéria da Revista Placar, 30 de Junho de 1978.

Videla ficou no poder até o dia 29 de março de 1981, quando seu sucessor, o general Roberto Eduardo Viola, assumiu o poder de um país que contava com milhares de desaparecidos e com uma forte crise econômica. A inflação galopante, a desvalorização do peso, a queda das reservas cambiais e uma dívida externa de 30 bilhões de dólares eram alguns dos problemas da Argentina que fizeram logo em seguida outros ditadores também caírem. Roberto Viola não durou muito no poder, veio a seguir, Leopoldo Fortunato Galtieri, que levou o país à guerra das Malvinas e também caiu por conta da forte crise financeira atrelada aos gastos da guerra. Antes do fim da ditadura ainda governaram o país Alfredo Óscar Saint-Jean e Reynaldo Bignone. Em 1983, Raúl Ricardo Alfonsín é eleito pelo voto direto. Algo que não acontecia desde 1976 quando Jorge Rafael Videla assumiu o poder por conta do golpe militar. Quando a democracia se instaurou vieram as condenações dos envolvidos em torturas e mortes do período da “guerra suja”⁴⁹.

Em 1º de Agosto de 1984, Jorge Rafael Videla foi preso e em dezembro de 1985 foi condenado à prisão perpétua. No final de 1990, o presidente Carlos Meném fez uso do seu poder e libertou Videla. Depois disso, Jorge Rafael Videla ainda viveu períodos de idas e vindas pelo sistema carcerário argentino. A última foi em 2010 quando foi condenado pela execução de 31 presos políticos, 504 privações ilegais de liberdade, usurpações, roubos de

48 REVISTA PLACAR, 30 de Junho de 1978, Pág. 50.

49 MOLINARI, Carlos. **Jorge Rafael Videla e o “Processo de Reorganização Nacional”: A construção de uma ditadura militar**. 2013. 39 f. Tese (Graduação em História), Departamento de História, Universidade de Brasília, Brasília. 2013.

menores e outros tantos crimes. O fim da sua vida veio no dia 17 de maio de 2013, sem arrependimentos e sentado em um vaso sanitário na prisão militar ao qual pagava pelos seus crimes⁵⁰.

50 ESTADÃO. Disponível em: < <http://internacional.estadao.com.br/blogs/ariel-palacios/ex-ditador-videla-encerra-carreira-sentado-no-vaso-sanitario-de-sua-cela/> >. Acesso em 24 de Agosto de 2015.

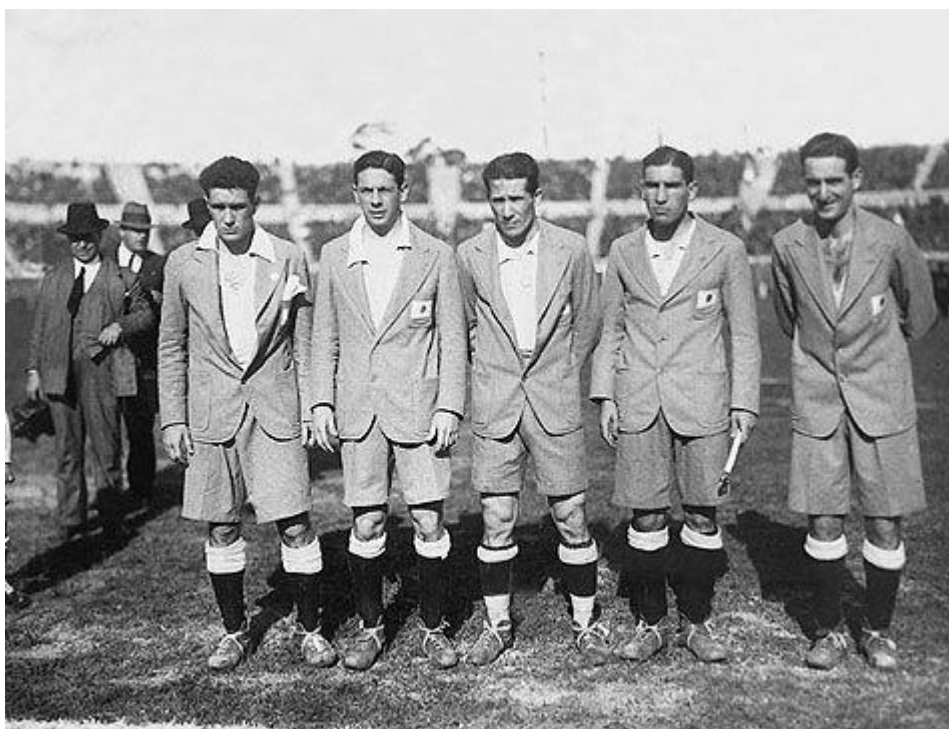
4) COPA DO MUNDO DE 1978 – MAIS QUE UM TORNEIO DE FUTEBOL

Dentro disso que foi relatado até aqui, a Copa do Mundo é o principal torneio de futebol que faz florescer os mais variados tipos de sentimentos e situações. Nesta competição reúnem-se as melhores seleções dos cinco continentes, pessoas param por todo o mundo para acompanhar e assistir aos jogos de perto ou pela televisão. Atletas, seleções e diversos profissionais do esporte como jornalistas, técnicos e preparadores físicos são consagrados dentro da história das Copas e do futebol. Mitos e tradições são criados e discutidos por longas décadas. Esquemas táticos, ideias para o jogo e símbolos são lançados desde a gênese da Copa do Mundo. É inegável a importância deste torneio.

O início desta história é no Uruguai em 1930, quando um primeiro torneio reuniu 13 seleções da América e da Europa. Desde lá a Copa do Mundo é realizada a cada quatro anos⁵¹. O primeiro torneio foi realizado na América do Sul e teve como objetivo colocar as melhores seleções em confronto. Uma competição memorável que teve na final a seleção uruguaia contra a poderosa seleção argentina. O campeão foi o Uruguai.

No entanto, o resultado aqui não é importante num primeiro momento, e sim como os ritos fazem parte do futebol argentino desde os seus primórdios. Naquela final os torcedores argentinos atravessaram o Rio da Prata com grandes expectativas sob gritos de “Vencer ou Morrer” pela nação e com uma confiança elevada em torno daqueles jogadores que vestiam trajes incomuns para o futebol contemporâneo. Nota-se também que desde a primeira Copa do Mundo a seleção argentina, assim como outras seleções utilizam elementos do nacionalismo para promoção da imagem do país.

51 Não houve as edições da Copa do Mundo dos anos de 1942 e 1946 por conta da Segunda Guerra Mundial.



Jogadores argentinos usando a “casaca”. Vestimenta comum que os atletas retiravam antes das partidas⁵².

Essa promoção da imagem de uma seleção elegante com jogadores fortes e atléticos por um grupo de pessoas não foi apenas uma particularidade da seleção argentina de 1930. Essa tática permeou por inúmeras décadas e foi utilizada de diferentes formas pelos políticos e partidos por todo o mundo. Hitler utilizou esses elementos para promoção do regime nazista nos Jogos Olímpicos de 1936. Benito Mussolini fez o mesmo com a seleção de futebol italiana campeã de 1934 e 1938⁵³. Franco, torcedor do Real Madrid, Salazar, adepto do Benfica e Ceausescu, torcedor do Steau Bucureste são outros exemplos de governantes que buscaram o futebol para se legitimarem no poder⁵⁴.

No Brasil da década de 1970, havia militares até na comissão técnica de futebol que promoviam a imagem do governo militar a partir da seleção campeã de futebol da Copa do Mundo de 1970. E na Argentina de 1978 do ditador Jorge Rafael Videla não poderia ser diferente.

52 TARINGA. Disponível em: < <http://www.taringa.net/posts/deportes/3351905/Historia-de-la-Seleccion-Argentina-1901-1941.html> >. Acesso em 01 de Dezembro de 2015.

53 OLIVEN, Ruben George; DAMO, Arlei Sander. Fútbol y cultura. Bogotá: Norma, 2005. Pág. 43-48.

54 FRANCO Jr., Hilário. **A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura**. São Paulo : Companhia das Letras, 2007. Pág. 169.

Para entender os interesses da Copa do Mundo de 1978, o que é o futebol argentino e as rivalidades que estão em volta da Seleção Argentina, deve-se ir aos primórdios do futebol argentino. A história do futebol na Argentina começa em 1840 por meio de marinheiros ingleses que penetraram no Rio de la Plata em busca de melhores condições de vida. Nessa viagem levaram uma bola para o lazer e a partir dali o futebol cresceu entre os 45 mil imigrantes da Grã-Bretanha que viviam em Buenos Aires⁵⁵ e posteriormente entre os argentinos das outras regiões.

Ainda no século XIX, os ferroviários ingleses criam times como River Plate, Newell's Old Boys e Rosario Central deixando sua marca na cultura local. E é ainda no século XIX que é criada a *Asociación del Fútbol Argentino* (AFA), a mais antiga do futebol sul-americano e a primeira a afiliar-se à *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA)⁵⁶, que viria a ser, mais tarde, a organizadora da Copa do Mundo.

Em 6 de Julho de 1966, em Londres, a FIFA, a maior entidade do futebol que mantém relações com a AFA desde 1912, decide que Argentina seria a sede da décima primeira Copa do Mundo. Um grande prêmio para a AFA, que há tanto tempo mantinha relações com a entidade, e um momento de consagração do poder da FIFA, que em 1975 já tinha mais países filiados que a ONU⁵⁷.

O país já havia tentado ser sede da Copa do Mundo de 1938, que veio a ser realizada na França, e da Copa do Mundo de 1954, que foi realizada na Suíça⁵⁸. No entanto, deve-se salientar que a vitória não se deveu apenas à força da AFA e do estilo de jogo argentino que encantava o mundo (na verdade, na década de 70 o futebol argentino andava meio adormecido), mas também pelas excelentes instalações no setor hoteleiro e os inúmeros estádios próximos aos centros turísticos do país⁵⁹. As qualidades e as expectativas em torno do setor hoteleiro podem ser visualizadas em uma matéria do jornal El Litoral, divulgada no dia 01/12/1976:

55 GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do Futebol: Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidoões**. São Paulo : Nova Alexandria, 2002. Pág.24.

56 ASOCIACIÓN DEL FÚTBOL ARGENTINO. Disponível em: < <http://www.afa.org.ar/>>. Acesso em 3 de Maio de 2014.

57 DUARTE, Orlando. **Todas as copas do mundo**. São paulo: Makron Books Brasil, 1987. Pág. 244.

58 PALACIOS, Ariel. **Os hermanos e nós** / Ariel Palacios e Guga Chacra. - São Paulo : Contexto, 2014. Pág. 75.

59 AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou Morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional**. Rio de Janeiro : FAPERJ : Mauad, 2002, Pág. 173-174.

“Corresponde, sí, aprovechar la futura circunstancia de que el país será sede de un evento de tan dilatada proyección para que cientos de millones de seres nos conozcan; para que miles de visitantes de distintos continentes encuentren en nuestra tierra albergue seguro, gentileza, buen trato, facilidades, una grata estancia, como dicen los madriños. Por eso, como lo ha señalado el ministro referido [Ministro de Bem Estar Social], mediante una hotelería clasificada el turista podrá encontrar un ordenamiento que le permita elegir de acuerdo con su situación; conforme a su elección, su gusto y su programa. Esperemos, para nuestra buena imagen, que así sea”⁶⁰.

Realmente os hotéis argentinos convenciam até a imprensa brasileira. A Revista Placar chegou até a elogiar certa vez o Hotel Claridge ao qual a seleção brasileira permaneceu antes de um jogo contra a Argentina pela Taça do Atlântico afirmando que o hotel era espaçoso, bem refrigerado e com belos salões atapetados. Um apartamento para duas pessoas custava em média 700 cruzeiros⁶¹.

O país que vivia o futebol há bastante tempo não ficou em êxtase durante a década de 1970 como era de se esperar, ao contrário, o país viveu uma forte turbulência política por conta da ditadura militar, assim como o Chile de Augusto Pinochet, o Brasil de Ernesto Geisel e o Uruguai de Aparicio Méndez Manfredini, todos países que tiveram centenas de desaparecidos e torturados por conta dos regimes ditatoriais da época. Na Argentina, “*Las madres de la Plaza de Mayo*” clamavam por notícias de seus filhos desaparecidos. O estado de direito fora suprimido⁶² nesses países latinos ocasionando uma forte oposição de inúmeros países contrários à realização do torneio na Argentina.

Neste quadro de perseguições os argentinos partiam para diferentes exílios pelo mundo, sobretudo para França, onde se refugiam cerca de 15.000 latinos americanos. É neste contexto que inúmeros argentinos se associam a grupos, sindicatos e partidos de esquerda e criam em 1975, ainda durante o segundo governo da família Perón, o *Comité de Soutien aux Luttas du Peuple Argentin* (CSLPA) na França, e posteriormente, com o apoio do romancista judaico-polonês Marek Halter e através de inúmeras publicações no jornal *Le Monde*, o *Collectif pour le boycott de l'organisation par l'Argentine de la coupe de monde de football*

60 EL LITORAL, 1 de Dezembro de 1976, Pág. 4.

61 REVISTA PLACAR, 5 de Março de 1976, Pág. 12.

62 HEIZER, H Teixeira. **Jogo bruto das copas do mundo(o)**. Rio de Janeiro: Mauad, 1997. Pág. 229

(COBA), responsável por publicar manifestos em jornais, propor manifestações de ruas, fazer abaixo-assinados, enviar cartas às autoridades francesas solicitando o boicote à Copa do Mundo, protestar contra o apoio de Valéry Giscard d'Estaing, então presidente da França, à junta militar de Videla e por armazenar documentos como fotografias, revistas, charges, relatos de torturas, desaparecimentos, roubo de criança de pais assassinados e mortes referentes aos acontecimentos na Argentina⁶³. Em maio de 1977, o COBA chegou a reunir três mil pessoas para uma manifestação em Paris em favor do boicote a Copa do Mundo de 1978. Entre as pessoas que participaram desta manifestação encontrava-se o escritor, filósofo e crítico francês Jean Paul Sartre e o escritor, sociólogo e semiólogo, Roland Barthes⁶⁴. O holandês van Hanegen e o craque alemão Paul Breitner, do Bayern de Munique, apoiaram o COBA e não participaram da Copa do Mundo de 1978⁶⁵.

Entre as denúncias estão relatos de torturas próximas aos estádios de futebol como, por exemplo, aquelas que ocorriam na *Escuela de Mecánica de la Armada* (ESMA) que ficava a apenas 800 metros do Monumental de Núñez, estádio do River Plate. Lá foram presas 5 mil pessoas, sendo que apenas 140 pessoas sobreviveram às torturas praticadas pelos militares. Graciela Daleo foi uma das sobreviventes e contou um pouco de sua história lá dentro. Daleo relatou que os torturadores tinham comportamentos esquizofrênicos. Uma hora estavam comemorando as vitórias da seleção com os torturados, e já em outro momento voltavam a torturá-los. No dia do título, Daleo conta que os torturadores a levaram a uma churrascaria. Ali ela conta que sabia que a vitória no futebol era dos militares, e não do povo argentino⁶⁶.

Os números mostram que durante a ditadura foram assassinadas cerca de 8.000 pessoas, houve o aprisionamento de outras 10.000 pessoas e o desaparecimento de cerca de 15.000 pessoas. No entanto, o C.O.B.A. não conseguiu aderir tantos membros na França como os exilados imaginavam e nem obter os resultados esperados, apesar de terem chamado a atenção da mídia internacional. Todas as seleções classificadas para o Mundial participaram

63 RIBEIRO, Luiz Carlos. **Futebol e ditadura militar na América Latina: a experiência do C.O.B.A.** In: ANPUH, XXVII, 2013. Pág. 1-12.

64 PALACIOS, Ariel. **Os hermanos e nós** / Ariel Palacios e Guga Chacra. - São Paulo : Contexto, 2014. Pág. 149

65 FARIAS, Airton de. **Uma história das Copas do Mundo : futebol e sociedade**, volume I. / Airton de Farias ; Ilustrações Daniel Brandão. - Fortaleza : Armazém da Cultura, 2014. Pág. 401

66 PALACIOS, Ariel. **Os hermanos e nós** / Ariel Palacios e Guga Chacra. - São Paulo : Contexto, 2014. Pág. 155-157

da competição, inclusive França e Holanda que chegaram a pensar no boicote⁶⁷. No final das contas, o COBA foi acusado pelos defensores do Mundial como “um grupo de fascistas” e de possuir um “discurso reducionista” por apontar o esporte como fator de redução da consciência social. Além disso, a população francesa também demonstrou em pesquisas de opinião pública que era em grande maioria favorável à participação da seleção francesa. Nestas pesquisas, apenas 20% demonstraram ser a favor do boicote. Pouco depois, o COBA se transformou no C.O.B.A.M., grupo de boicote aos Jogos Olímpicos de Verão de 1980, realizado em Moscou⁶⁸.

Além do COBA, outros veículos também assumiram uma postura contrária a realização da Copa do Mundo na Argentina. Os jornais franceses como *Le Monde* e o *Figaro* são exemplos de veículos de comunicação que fizeram fortes denúncias contra o estado ditatorial argentino. Deste modo, não faltaram pretendentes para sediar o torneio: Holanda, Bélgica e até o Brasil que também vivia uma ditadura se ofereceram para organizar a Copa do Mundo de 1978.

A admirada equipe holandesa, conhecida na época como “*Carrossel Holandês*” pelo futebol alucinante que praticava, foi outra seleção que colocou em xeque sua participação por conta dos desaparecidos na Argentina⁶⁹. Finalmente, a Holanda aderiu à Copa do Mundo como já foi dito, mas o seu craque, Johann Cruyff, não foi para o Mundial por motivos pessoais. Por muito tempo se especulou que Cruyff não teria ido, pois teria se recusado a jogar onde havia uma ditadura. No entanto, em reportagem recente do jornal inglês *The Guardian* o jogador admite que não participou da Copa do Mundo de 1978 por ter sofrido uma tentativa de sequestro na Espanha meses antes do torneio, o que o fez pensar ainda mais na vida e na segurança da família, receando sofrer novos ataques⁷⁰.

Nunca saberemos os contornos que o Mundial tomaria com a presença de Cruyff, mas notasse que o evento na Espanha marcou a vida do símbolo máximo da seleção holandesa e o tirou do Mundial. Em entrevista a *Catalunya Radio*, o jogador admite os traumas: “*Todo esto*

67 FARIAS, Airton de. **Uma história das Copas do Mundo : futebol e sociedade**, volume I. / Airton de Farias ; Ilustrações Daniel Brandão. - Fortaleza : Armazém da Cultura, 2014. Pág. 401.

68 RIBEIRO, Luiz Carlos. **Futebol e ditadura militar na América Latina: a experiência do C.O.B.A.** In: ANPUH, XXVII, 2013. Pág. 1-12.

69 AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou Morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional**. Rio de Janeiro : FAPERJ : Mauad, 2002, Pág. 175.

70 THE GUARDIAN. Disponível em: < <http://www.theguardian.com/football/2008/apr/17/newsstory.sport> >. Acesso em 3 de maio de 2014.

hace cambiar tu punto de vista sobre muchas cosas. Hay momentos en la vida en los que hay otros valores. Queríamos parar y ser un pouco más sensatos. Era el momento de poner el fútbol a un costado. No podía jugar un Mundial después de eso". Na mesma entrevista o jogador complementou o seu discurso revelando alguns detalhes sobre sua vida após o atentado: *"Los chicos iban al colegio con custodia policial. La policía durmió en nuestra casa por tres o cuatro meses. Para los partidos, llevaba un guardaespaldas"*⁷¹.

Nesta perspectiva dos acontecimentos, o historiador da Universidade de São Paulo, Hilário Franco Júnior, afirma que a Copa do Mundo de 1978, foi um grande projeto político em que a união nacional estabelecida pelo futebol restauraria a imagem do país que estava abalada tanto em seu interior como no exterior. A Copa do Mundo de 1978 era a grande chance para o governo ditatorial criar uma imagem mais positiva e criar uma cortina de fumaça sobre os gravíssimos problemas internos do país⁷². E os militares enxergavam o futebol como um grande elemento para esta mudança. O futebol era tão importante para os militares que uma semana após realizarem o golpe militar em 1976, eles decretaram intervenção na Associação de Futebol Argentino (AFA) colocando um homem de confiança como presidente da instituição: Alfredo Francisco Cantilo⁷³. No entanto, a tese do historiador Airton de Farias de que Alfredo Francisco Cantilo era inteiramente afinado com o regime militar pode ser refutada através de uma reportagem do periódico *La Nación* em que o técnico Menotti afirma que Cantilo era um indivíduo de bom diálogo e progressista:

*"Yo - me dice ahora Menotti - tengo mucho respeto por la fe de las personas. Discuto otras cosas. A Cantilo lo recuerdo como un aristócrata de verdad. De las buenas costumbres. No de las miserables. Daba la mano como un hombre. Muy crítico de Isabelita y de Perón. Y, desde su lugar, lo recuerdo también como un hombre bastante progresista, que apostaba a la educación"*⁷⁴.

Com o passar dos meses e o atraso das obras atrelado às denúncias de terrorismo a

71 EL GRÁFICO. Disponível em: < <http://www.elgrafico.com.ar/2010/05/20/C-2665-la-verdad-sobre-la-ausencia-de-johan-cruyff-en-argentina-78.php> >. Acesso em 30 de Novembro de 2015.

72 FRANCO Jr., Hilário. **A dança dos Deuses: Futebol, Sociedade, Cultura**. São Paulo : Companhia das Letras, 2007. Pág. 171-172.

73 FARIAS, Airton de. **Uma história das Copas do Mundo : futebol e sociedade**, volume I. / Airton de Farias ; Ilustrações Daniel Brandão. - Fortaleza : Armazém da Cultura, 2014. Pág. 415.

74 LA NACIÓN. Disponível em: < <http://canchallena.lanacion.com.ar/1597133-mundial-78-cantilo-el-aliado-silencioso> >. Acesso em: 30 de novembro de 2015.

pressão externa foi apenas aumentando contra o evento na Argentina, mas João Havelange, então presidente da FIFA, foi inflexível e confirmou a Argentina como sede do torneio⁷⁵. Em 1974, quando João Havelange foi eleito presidente da FIFA a *Asociación del Fútbol Argentino* (AFA) foi uma das entidades que votaram no brasileiro para presidente da FIFA⁷⁶.

A confirmação da Argentina como sede em 1976, após todas as denúncias, certamente se deve também ao poder que Havelange detinha e pela aproximação que construiu com o ditador Jorge Rafael Videla durante os anos em que o país se preparou para Copa do Mundo. Na abertura do evento, o presidente da FIFA disse em frente às câmeras de televisão que finalmente o mundo poderia ver a verdadeira imagem da Argentina⁷⁷. Embora João Havelange admita que apenas conheceu Videla a 2 anos do início da Copa do Mundo em entrevista que Havelange deu à Folha de São Paulo em que mencionou sobre o caso do filho da embaixatriz Glorinha Paranaguá. Paulo Antônio, filho da embaixatriz, era preso político na Argentina e foi liberto graças a uma negociação entre João Havelange e Jorge Rafael Videla⁷⁸. Um outro fato que demonstra a relação próxima de João Havelange com os chefes militares argentinos é quando este escolheu o almirante argentino Carlos Alberto Lacoste como vice-presidente da FIFA alguns anos após o Mundial de 78⁷⁹.

75 DUARTE, Orlando. **Todas as copas do mundo**. São Paulo: Makron Books Brasil, 1987. Pág. 244.

76 FARIAS, Airton de. **Uma história das Copas do Mundo : futebol e sociedade**, volume I. / Airton de Farias ; Ilustrações Daniel Brandão. - Fortaleza : Armazém da Cultura, 2014. Pág. 399.

77 GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Porto Alegre: L&PM, 2013. Pág. 149-151.

78 FOLHA DE SÃO PAULO, 26 de Junho de 2008, Página D3.

79 FARIAS, Airton de. **Uma história das Copas do Mundo : futebol e sociedade**, volume I. / Airton de Farias ; Ilustrações Daniel Brandão. - Fortaleza : Armazém da Cultura, 2014. Pág. 400.



Cartaz francês da campanha contra a Copa do Mundo de 1978⁸⁰

Apesar das diversas críticas da imprensa internacional, que ocorreram anteriormente e até posteriormente contra a organização do torneio, a imprensa argentina submetida à censura noticiava que o evento seria um sucesso. Isso pode ser visto através do periódico *El Litoral* que publicou em 15 de Janeiro de 1978 o seguinte título: “*Organización perfecta a la vista del mundo futbolístico*”⁸¹. A matéria afirmava o poder de organização, trabalho, eficiência e ordem dos organizadores argentinos para promoção dos eventos referentes a Copa do Mundo, por exemplo, o sorteio dos grupos para a Copa do Mundo de 1978 que teria sido um sucesso.

No entanto, nem todos concordavam. O número de policiais fortemente armados com granadas e metralhadoras era incrível, principalmente nas proximidades dos estádios e concentrações. Contudo, o forte policiamento não impediu que acontecessem atentados como aquele que teve como alvo o Centro Cultural de San Martí, o mesmo local onde havia sido feito o sorteio dos grupos, e do qual resultou na morte de um policial pela explosão de uma bomba. Esse atentado aconteceu dias depois do sorteio. Os *Montoneros* foram acusados pelo incidente, mas negaram veemente⁸². Além desse ataque, os *Montoneros* foram acusados de explodirem várias outras bombas nas cidades da Copa do Mundo e de terem realizado uma

80 AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou Morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional**. Rio de Janeiro : FAPERJ : Mauad, 2002, Pág. 138.

81 EL LITORAL, 15 de Janeiro de 1978. Pág. 5.

82 REVISTA PLACAR, 18 de Junho de 1982, Pág. 59.

transmissão televisiva de 13 minutos na cidade de *La Plata* denunciando o regime⁸³. O risco de terrorismo pôde ser visto também momentos antes da abertura do Mundial entre Alemanha Ocidental e Polônia quando foi encontrada uma bomba no Centro de Imprensa. O caso foi pouco divulgado na época⁸⁴.

Nos estádios da Argentina existia uma grande dúvida a respeito da seleção, pois os argentinos não venciam o Brasil há 8 anos, haviam sido goleados por 4 a 0 na última Copa do Mundo de 1974 pela Holanda e não conseguiram ganhar a Copa América de 1976, mas as esperanças eram grandes, já que o time jogava em casa e possuía grandes jogadores. O responsável por comandar a equipe fora dos gramados na Copa do Mundo de 1978 foi César Luis Menotti, *El flaco*, o treinador havia sido escolhido ainda em 1974 durante o governo da família Perón.

Menotti ganhou fama na Argentina na década de 1960 jogando pelo Racing, Boca Juniors e Rosario Central como um atacante rápido e talentoso. Como jogador ele chegou ainda a jogar no Brasil pelo Santos, de Pelé, e pela Juventus da Mooca (SP)⁸⁵. Em 1973, foi campeão argentino como treinador pelo modesto Huracán. Isso o levou à seleção, após o fracasso da seleção argentina em 1974 nos gramados da Alemanha. César Luis Menotti, ao ingressar na albiceleste, passou a investir nas divisões de base, tendo feito sucesso no Campeonato Juvenil de Toulon de 1975 quando conquistou o campeonato com uma seleção recheada de jovens craques como Passarella, Valdano, Gallego, Tarantini e Valencia que mais tarde chegaram à seleção adulta. O seu lema era “*Jogando nós protegemos nossa fronteira, nossa pátria, nossa nação*”⁸⁶.

Apesar da sua boa fama entre os argentinos, por conta dos títulos de 1973 com o Huracán e 1975 pela seleção juvenil argentina, César Luis Menotti não era benquisto pelos militares por conta das suas posições políticas. No passado, Menotti foi militante do Partido Comunista, mas os militares, sabendo do talento do treinador e que no futebol é necessário algum tempo para os resultados aparecerem, decidiram mantê-lo. Aliás, Menotti estava na

83 FARIAS, Airton de. **Uma história das Copas do Mundo : futebol e sociedade**, volume I. / Airton de Farias ; Ilustrações Daniel Brandão. - Fortaleza : Armazém da Cultura, 2014. Pág. 415.

84 FARIAS, Airton de. **Uma história das Copas do Mundo : futebol e sociedade**, volume I. / Airton de Farias ; Ilustrações Daniel Brandão. - Fortaleza : Armazém da Cultura, 2014. Pág. 410.

85 PALACIOS, Ariel. **Os hermanos e nós** / Ariel Palacios e Guga Chacra. - São Paulo : Contexto, 2014. Pág. 50.

86 DEVOTO, Fernando; MADERO, Marta. **Historia De La Vida Privada En La Argentina**; Buenos Aires : Taurus, 1999. Pág. 244-246.

seleção desde 1974 como já foi dito; logo, demitir o treinador naquele momento seria como jogar fora todo o trabalho realizado na seleção, e assim correr um risco ainda maior de não conquistar o título do Mundial de 1978⁸⁷.

A seleção argentina contava com inúmeros craques como Osvaldo Ardiles, que após a Copa do Mundo conseguiu um feito memorável: tornar-se ídolo jogando na Inglaterra pelo Tottenham Hotspur⁸⁸, mesmo com toda rivalidade entre as duas nações como foi apresentado no capítulo 1. Além de Ardiles, a Argentina possuía o atacante Luque, o zagueiro Daniel Passarella, considerado por muitos especialista em futebol argentino como o melhor zagueiro de todos os tempos do país, apesar da sua baixa estatura (1,76m) para aquela posição⁸⁹ e o atacante Mario Kempes, artilheiro do Campeonato Espanhol nas temporadas 1976/1977 e 1977/1978 jogando pelo Valência.

Já a Seleção Brasileira chegava depositando todas suas fichas em Rivelino, chamado “um garoto fora de série” de 32 anos que mantinha uma postura de melhor jogador do mundo⁹⁰. Já Zico era chamado de “*El Fenómeno*” pela imprensa argentina, após uma estreia magnífica pela Seleção Brasileira em 1976 no Monumental de Núñez quando foi perguntado até por um repórter argentino se ele era o novo Pelé⁹¹. Reinaldo, “o homem da camisa 9”, considerado pela Revista PLACAR como a única unanimidade dentro do esquema do treinador militar Cláudio Coutinho⁹², mas que no Mundial perdeu sua vaga para Roberto Dinamite. Além desses, o Brasil contava com Chicão, Toninho Cerezo, Dirceu, Oscar e Toninho.

Um detalhe bastante interessante envolvendo a Seleção Brasileira e a sua importância para o país pode ser visto pelo custo estimado que a equipe geraria entre 23 de maio de 1977 até junho de 1978 para a C.B.D (Confederação Brasileira de Desportos), o Tesouro Nacional e a Caixa Econômica Federal. Segundo o almirante Heleno Nunes, o custo seria de 35 milhões de cruzeiros. Um custo que envolvia despesas com vestuário, alimentação, transportes e a divulgação da imagem da equipe (120 mil cruzeiros para despesas com publicações, 20 mil para fotografias e 360 mil cruzeiros com congressos e simpósios para divulgação da imagem

87 FARIAS, Airton de. **Uma história das Copas do Mundo : futebol e sociedade**, volume I. / Airton de Farias ; Ilustrações Daniel Brandão. - Fortaleza : Armazém da Cultura, 2014. Pág. 413.

88 REVISTA PLACAR, 02 de Março de 1978. Pág. 51.

89 ESPECIAL PLACAR, Novembro de 1999. Pág. 30.

90 REVISTA PLACAR, 30 de Dezembro de 1977. Pág. 5-9.

91 REVISTA PLACAR, 05 de Março de 1976. Pág. 9-12.

92 REVISTA PLACAR, 20 de Janeiro de 1978. 11-13.

da seleção e dos atletas)⁹³.

Além desses craques de Argentina e Brasil, a Copa do Mundo de 1978 contou com a presença de outros grandes jogadores como Nawalka, meio-campo da Polônia, Rosembrick (foi o autor em 1978 do milésimo gol da história da Copa do Mundo) e Johan Neeskens, da Holanda, Paolo Rossi, da Itália, carrasco do Brasil na Copa do Mundo de 1982 e Michel Platini, craque francês.

A Copa do Mundo de 1978 também teve grandes seleções que não conseguiram se classificar nas eliminatórias, como a Tchecoslováquia que não conseguiu a classificação e iniciou a sua preparação ainda em março de 1978 em Mar de Plata na Argentina para a Copa do Mundo de 1982 que seria realizada na Espanha. A seleção tchecoslovaca chegou a treinar com equipes como o Boca Juniors e conquistou o carinho de muitos argentinos pelo seu futebol coletivo e as triangulações que a equipe praticava⁹⁴. Outras seleções tradicionais também não lograram êxito como a Inglaterra, grande rival da Argentina na Copa de 1966, que caiu no grupo da Itália nas eliminatórias e acabou sendo eliminada, e a URSS que foi eliminada pela Hungria. Na América do Sul a grande surpresa foi a campanha vergonhosa do bi-campeão mundial e rival da Argentina, Uruguai. Nas eliminatórias, o Uruguai não conseguiu ir nem para a repescagem, sendo ultrapassados por equipes com menor tradição nas eliminatórias, como a Bolívia que disputou a repescagem contra a Hungria, porém sem êxito⁹⁵.

Quando a Copa do Mundo começou as esperanças tomaram conta das seleções e outras entraram em estado de festa, como foi o caso da seleção iraniana. O Irã foi a primeira seleção do Oriente Médio a participar de uma Copa do Mundo. Isso graças a Reza Pahlevi, que via o futebol como um instrumento de divulgar a modernização e a ocidentalização que o país estava buscando realizar. O Irã foi campeão da Copa Asiática de Nações nos anos de 1968, 1972 e 1976⁹⁶. Já nos gramados argentinos a seleção não foi tão bem. Outra seleção que se encontrava no mesmo estado era a Tunísia. Na primeira fase da Copa de 1978, a Tunísia conquistou a primeira vitória de uma seleção africana e Copas do Mundo jogando contra o

93 REVISTA PLACAR, 27 de Janeiro de 1978. Pág. 40.

94 REVISTA PLACAR, 02 de Março de 1978, Pág. 42-44.

95 FARIAS, Airton de. **Uma história das Copas do Mundo : futebol e sociedade**, volume I. / Airton de Farias ; Ilustrações Daniel Brandão. - Fortaleza : Armazém da Cultura, 2014. Pág. 404

96 FARIAS, Airton de. **Uma história das Copas do Mundo : futebol e sociedade**, volume I. / Airton de Farias ; Ilustrações Daniel Brandão. - Fortaleza : Armazém da Cultura, 2014. Pág. 406

México⁹⁷.

Logo vieram os grandes jogos e as primeiras polêmicas. Na estreia da Argentina, vitória contra a Hungria com dois jogadores do time do leste europeu expulsos. Muito protesto. Em seguida veio o jogo Brasil contra Suécia. O árbitro deu um escanteio a favor do Brasil no último minuto da partida. Quando o jogador brasileiro cruzou a bola o árbitro marcou o final do jogo, poucos segundos antes do gol de Zico que dava a vitória ao Brasil. O juiz teve que anular, e mais polêmica.

Fora dos gramados continuava a mesma coisa. Violência e torturas, mesmo com estrangeiros visitando o país. Não houve trégua em relação aos peronistas. O historiador Airton de Farias conta que os peronistas foram reprimidos pelos militares em uma missa em memória de um de seus líderes mortos. Além deles, as *Madres de la Plaza de Mayo* foram agredidas e presas em manifestações no centro de Buenos Aires durante a Copa do Mundo⁹⁸. Pesquisas apontam que houve 63 assassinatos durante os 25 dias do evento⁹⁹.

Apesar disso tudo, os jogos e a festa continuaram. A maior polêmica ocorreu na fase final envolvendo Brasil, Argentina, Peru e Polônia que chegaram para disputar o quadrangular final do Grupo B, sendo que apenas o primeiro colocado se classificaria para final contra o ganhador do Grupo A. O Brasil venceu o Peru por 3 a 0, empatou com a Argentina em 0 a 0 e chegou à última rodada disputando a vaga com a seleção anfitriã. A Argentina havia ganhado da Polônia por 2 a 0.

Surgiu então mais uma forte polêmica porque os jogos deixaram de ser marcados para o mesmo horário. O Brasil venceu a Polônia por 3 a 1 e a Argentina foi para o jogo sabendo que teria que ganhar por pelo menos 4 gols de diferença para ultrapassar o saldo de gols do Brasil, já que a Argentina havia vencido a Polônia por 2 a 0 e empatado com o Brasil em 0 a 0, assim somando 4 pontos e 2 gols de saldo. O Brasil com a vitória sobre a Polônia somou 7 pontos e 5 gols de saldo.

O jogo contra a seleção peruana prometia, já que estes, apesar da derrota de 3 a 0 para o Brasil, viviam desde o início da década de 70 mudanças drástica no país e em seu futebol

97 FARIAS, Airton de. **Uma história das Copas do Mundo : futebol e sociedade**, volume I. / Airton de Farias ; Ilustrações Daniel Brandão. - Fortaleza : Armazém da Cultura, 2014. Pág. 410.

98 FARIAS, Airton de. **Uma história das Copas do Mundo : futebol e sociedade**, volume I. / Airton de Farias ; Ilustrações Daniel Brandão. - Fortaleza : Armazém da Cultura, 2014. Pág. 406

99 PALACIOS, Ariel. **Os hermanos e nós** / Ariel Palacios e Guga Chacra. - São Paulo : Contexto, 2014. Pág. 50.

que se profissionalizava cada vez mais¹⁰⁰, inclusive conseguindo resultados expressivos como o título da Copa América de 1975 com uma campanha invejável, com direito a uma vitória arrasadora sobre o Brasil em pleno Mineirão por 3 a 1 e uma vitória suada na final da Copa América contra a seleção da Colômbia, que chegava à última etapa do torneio como favorita, por 1 a 0¹⁰¹.

O resultado final do jogo foi inesperado e arrasador: 6 a 0 para Argentina. No entanto, nota-se que, apesar do que foi dito anteriormente, a seleção Argentina chegou bastante confiante para o jogo do dia 21 de junho de 1978 em Rosário, mesmo sem contar com o craque Osvaldo Ardiles e todas as desconfianças, como se nota em reportagem da Revista Placar com a participação do técnico argentino Menotti:

COMENTÁRIO

TÁTICO

ARGENTINA: TENSÃO DEMAIS

Sérgio A. Carvalho

Se a Argentina é, realmente, tudo aquilo que o técnico Cesar Luis Menotti andou dizendo, no final da semana passada, ninguém deve duvidar de sua classificação para a final de domingo, no Monumental de Nuñez. Quarta-feira, enfrenta um velho freguês, o Peru, e uma goleada é considerada líquida e certa pelo técnico:

— Não vejo como a nossa Seleção possa ser considerada inferior a qualquer outra do grupo. Somos, inclusive, superiores ao Brasil. Não concordo, também, com esse negócio de que nossos jogadores estão nervosos. É só impressão. Eles estão, isso sim, muito conscientes do que podem fazer.

Domingo, porém, a convicção de Menotti não foi comprovada. Seu time entrou nervoso para enfrentar um adversário que considera inferior e, em nenhum momento, conseguiu controlar-se e executar algo de positivo. O meio-campo preocupou-se com a defesa. A defesa mostrou claros que nem a elogiável disposição de Passarella conseguiu evitar. E o ataque teve baixa produção técnica, dando pouco trabalho à defesa brasileira.

Apesar de tudo, depois da partida, Kempes ostentava muito otimismo. A volta de Luque lhe deu liberdade para jogar do jeito a que está acostumado no Valência, seu clube. Lá, o sistema defensivo empregado o obriga a atuar como terceiro homem de meio-campo — exatamente o que tentou ser contra o Brasil. Contra o Peru, ele poderá ir mais à frente — isso se a Argentina entrar em campo precisando de muitos gols. O grande problema de Menotti, para essa partida, é Ardiles: ele sofreu uma forte torção no tornozelo direito e está praticamente fora desta Copa. Villa é a melhor opção para substituí-lo — como já fez, aliás, no domingo, embora sem sucesso. Teoricamente, ele leva uma vantagem sobre Ardiles: é mais ofensivo.

Cesar Menotti começou a fazer planos para o jogo com o Peru, logo após o empate contra o Brasil. Há tempos ele tem feito o possível para evitar o contato de seus jogadores com a imprensa, justamente para impedir as costumeiras especulações sobre o problema emocional da Seleção. A torcida, de qualquer forma, já percebeu e comenta o problema com certa irritação. Não admite que seu país perca esta chance de chegar a seu primeiro título mundial. Os jogadores sabem disso, vêem sua responsabilidade aumentar a cada instante e se perturbam mais ainda — fechando, assim, um círculo vicioso aparentemente insolúvel.

Eles sabem: se precisarem marcar uma goleada sobre o Peru, terão de se lançar à frente — o que significa arriscar-se a uma derrota nos contra-ataques. E se tal acontecer, os argentinos jamais esquecerão 1978, como os brasileiros não se esquecem de 1950.

Coluna da Revista Placar¹⁰²

100 REVISTA PLACAR, 17 de Outubro de 1975. Pág. 68.

101 REVISTA PLACAR, 7 de Novembro de 1975, Pág. 58.

102 REVISTA PLACAR, 23 de Junho de 1978, Pág. 7.

Até hoje o jogo gera dúvidas e é discutido por toda a imprensa. Recentemente, o Blog Ariel Palacios, do site Estadão, noticiou reportagens com alguns jogadores peruanos da época em que estes afirmaram que Jorge Rafael Videla, ao lado de Henry Kissinger, teria entrado no vestiário dos jogadores minutos antes da partida, saudando-os primeiramente como “*irmãos latino-americanos*” e depois intimidando os jogadores peruanos, que sabiam que caso vencesse o jogo poderiam sair mortos após o jogo¹⁰³. A ditadura argentina precisava da seleção na final, caso contrário, o torneio teria sido um fracasso esportivo como também político. O regime precisava da imagem de um país vencedor.

É difícil acreditar em uma não interferência do estado argentino sobre a seleção peruana comandada por Cubillas que, na primeira fase da Copa do Mundo, venceu a Escócia por 3 a 1, empatou com a vice-campeã mundial, a Holanda, em 0 a 0, e ganhou do Irã por 4 a 1¹⁰⁴. Mas é inegável que a seleção argentina foi uma das melhores de todos os tempos. Kempes, artilheiro do Mundial de 78, afirma que foi a melhor de todos os tempos e que os argentinos ganharam em campo do Peru. Segundo ele, não houve interferência de Videla e os jogadores não foram para o gramado de Rosário jogar pelo “general Videla e sua cambada que estava no poder”¹⁰⁵. No final das contas, alegria na Argentina, e revolta em todos os jornais brasileiros e entre a comissão técnica brasileira. Cláudio Coutinho chegou a dizer que se considerava o campeão moral, já que a sua seleção não havia perdido nenhum jogo durante a competição¹⁰⁶.

103 BLOGS ARIEL PALACIOS, Disponível em: < <http://blogs.estadao.com.br/ariel-palacios/21-de-junho-de-1978-videla-entra-no-vestiario-dos-jogadores-peruanos-e-fala-sobre-solidariedade/> >. Acesso em: 15 de Junho de 2014.

104 DUARTE, Orlando. **Todas as copas do mundo**. Sao Paulo: Makron Books Brasil, 1987. Pág. 261-265.

105 BLOGS ARIEL PALACIOS, Disponível em: < <http://blogs.estadao.com.br/ariel-palacios/21-de-junho-de-1978-videla-entra-no-vestiario-dos-jogadores-peruanos-e-fala-sobre-solidariedade/> > Acesso em: 15 de Junho de 2014.

106 FOLHA DE SÃO PAULO, 25 de Junho de 1978, Pág. 14.



Jornais brasileiros demonstram indignação após a polêmica de Rosário¹⁰⁷.

A final foi contra a forte seleção da Holanda, vice-campeã da Copa do Mundo de 1974, que contava com um ataque arrasador e que vinha de vitória contra a poderosa seleção italiana, mas, assim como em 1974, o “carrossel holandês” não obteve êxito naquela tarde de 25 de junho de 1978. Os argentinos abriram o placar com Kempes aos 38 minutos do primeiro tempo e seguraram o resultado por boa parte da partida, mas a Holanda de Neeskens, Rensenbrink e Van De Kerkhof era aguerrida e conseguiu levar o jogo para prorrogação com um gol de empate aos 38 minutos do segundo tempo com Nanninga. Mas a pressão da torcida argentina que abraçou o time, aliada à qualidade do genial Mario Kempes, fizeram a diferença. Kempes marcou o 2 a 1 e Bertoni fechou o placar aos 11 minutos do segundo tempo da prorrogação dando o primeiro título mundial ao país latino. Festa em Buenos Aires! Como disse o jornalista, José Maria de Aquino: “Nada, realmente, poderia detê-los naquela tarde”¹⁰⁸.

107 REVISTA PLACAR, 30 de Junho de 1978, Pág. 44.

108 REVISTA PLACAR, 30 de Junho de 1978. Pág. 74-78.



Capa da Revista Placar após o título da Argentina¹⁰⁹.

109 REVISTA PLACAR, 30 de Junho de 1978.

5) CONCLUSÃO

A Copa do Mundo de 1978 ficou marcada na memória coletiva e na história argentina. Não apenas pelo futebol, mas por tudo que girou em torno da competição. Isso fica bastante claro quando se vê que após 30 anos do Mundial de 1978 continuam as discussões a respeito dos placares suspeitos da competição, assim como homenagens aos mortos, desaparecidos e pessoas que foram torturadas durante a competição, como aconteceu recentemente no estádio da final do Mundial de 78, o Monumental de Núñez, em que participaram organizações de direitos humanos, políticos, intelectuais e ex-jogadores lembrando aqueles que sofreram com os horrores da ditadura de Jorge Rafael Videla¹¹⁰.

A partir do que foi abordado neste trabalho monográfico chega-se à ideia de que o esporte é um importante elemento dentro da política para os mais variados governos, ou seja, o esporte não é apenas uma atividade de lazer ou lúdica, porque ela pode, em certos momentos, assumir grande expressão e impacto dentro da vida política de um país. Projetos voltados para o futebol têm sido elaborados por governos autoritários para intervir na educação de crianças e dos jovens, geralmente com a finalidade de adaptar seus corpos e mentes para alcançar metas sanitárias, morais, cívicas e de controle social. Juan Domingo Perón e Jorge Rafael Videla na Argentina, Getúlio Vargas no Brasil, Adolf Hitler na Alemanha, Benito Mussolini na Itália e outros inúmeros chefes de estado espalhados pelo mundo ao longo da história contemporânea são alguns exemplos dos personagens históricos que visualizaram o esporte sob essa ótica e construíram os seus regimes investindo fortemente no esporte.

Esses regimes promoveram campanhas de propaganda a partir do pensamento de que uma nação forte esportivamente também poderá ser uma potência politicamente mas, por outro lado, não se deve esquecer e ter em conta que o esporte pode ser eventualmente visualizado como um importante instrumento a ser utilizado por parte da população para combater governos antidemocráticos ou corruptos. Mesmo na sociedade argentina fortemente silenciada pelos governos ditatoriais, nota-se a partir do C.O.B.A e de outros importantes movimentos que surgiram para denunciar os casos de perseguição, desaparecimento, tortura e

110 MÁQUINA DO FUTEBOL. Disponível em: < http://maquinadoesporte.uol.com.br/artigo/campeoes-mundiais-homenageiam-vitimas_5182.html >. Acesso em: 15 de Junho de 2014.

morte que vinham acontecendo no país a presença do esporte como uma importante ferramenta de politização, denúncias e de mudanças.

Sendo assim, o futebol na Argentina e pelo mundo ao longo do século XX galgou patamares dentro da sociedade talvez imagináveis em sua criação. O historiador e ex-professor da USP, José Sebastião Witter, defensor do estudo do futebol pela historiografia¹¹¹ afirma:

“A evolução do processo epidêmico, que saiu das fronteiras de um país ou de um continente e ganhou o mundo é a preocupação de todos os governos e de todas as nações, desde as potências mundiais até os países do 3.º mundo”¹¹².

Antes restrito à elite, o futebol foi incorporado pelo povo e no século XX alcançou o profissionalismo. Nas malhas do profissionalismo o capitalismo transformou o futebol em um grande negócio e o levou a ser um fenômeno ainda mais universal¹¹³. Desta maneira, sou obrigado a discordar da afirmação clássica de que o futebol é simplesmente “pão e circo” ou ópio do povo, ele pode ser utilizado desta maneira em certas circunstâncias, mas é muito mais do que isto. O futebol é um elemento que está dentro da cultura de massas e, como toda atividade capaz de mobilizar multidões, está sempre aberto para possibilidades imprevistas. Assim, como podemos concluir a partir da Copa do Mundo de 1978 na Argentina, o futebol é uma prática social capaz de provocar inquietações e mudanças na conscientização política e social, além de ter um papel bastante rico dentro da cultura de diversos países no século XX.

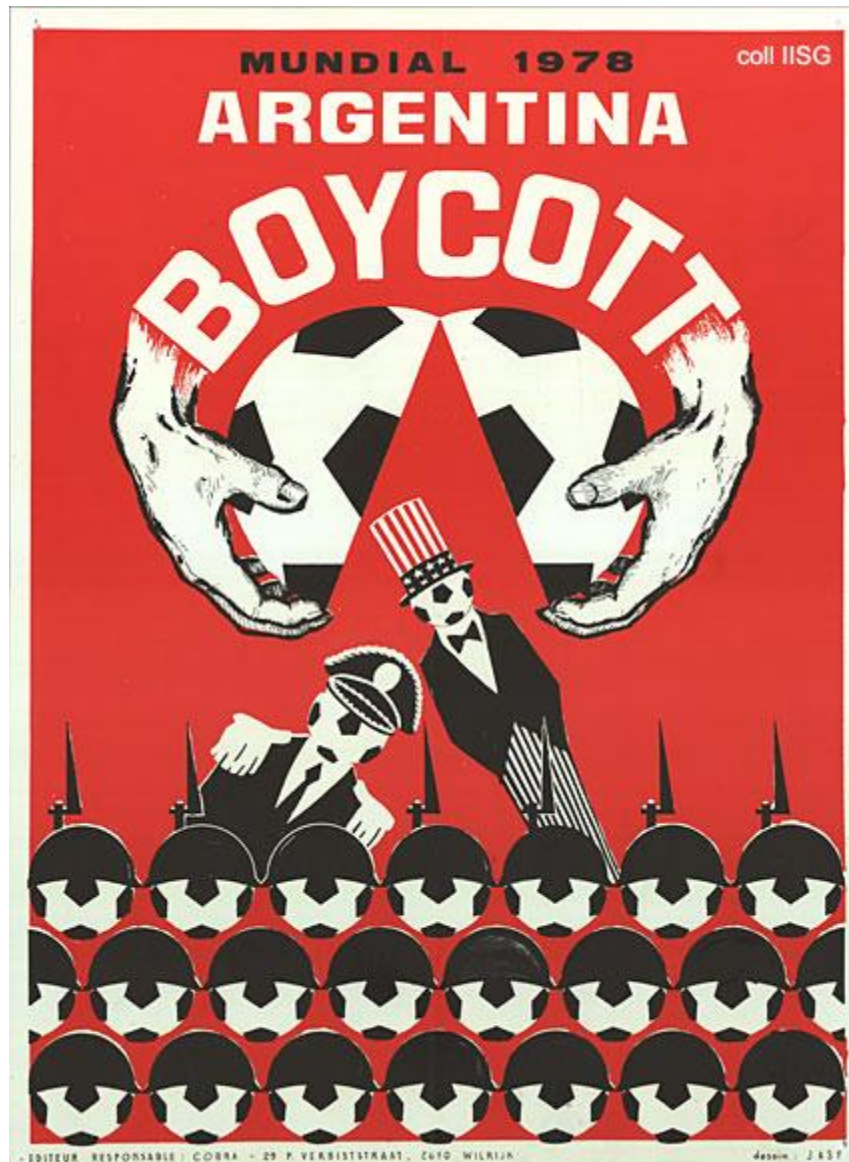
111 FOLHA DE SÃO PAULO. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/07/1485540-jose-sebastiao-witter-1933-2014---sua-vida-era-ensinar-historia-ate-a-do-futebol.shtml> >. Acesso em: 03 de dezembro de 2015.

112 WITTER, José Sebastião. As fontes para o estudo do esporte no Brasil, no século XX. In: SIMPÓSIO NACIONAL DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA, 8., 1975, Aracaju. Anais do VIII Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História. A propriedade rural. São Paulo: FFLCH-USP, 1976. v.3, p. 1089-1091.

113 WITTER, José Sebastião. Futebol – um fenômeno universal do Século XX. Revista USP, São Paulo, v. 58, 2003. p. 161-168.

6) ANEXOS

Figura 1: Pôster belga a favor do boicote.



Disponível: < <http://www.iisg.nl/collections/tourism/d12-375.php> >. Acesso em: 30 de novembro de 2015.

Figura 2: Cerimonial de abertura do Mundial de 1978.



Disponível em: < <http://www.theguardian.com/football/gallery/2010/jun/12/world-cup-opening-ceremonies-matches> > Acesso em: 30 de novembro de 2015.

Figura 3: Jorge Rafael Videla ao lado de Emilio Massera (esquerda) e Orlando Ramon Agosti (direita).



Disponível em: < <http://www.reuters.com/article/2014/06/07/us-soccer-world-history-part-three-idUSKBN0EI07J20140607#uVopjVecLEesDEXC.97> > Acesso em: 30 de novembro de 2015.

Figura 4: Generais argentinos no cerimonial de abertura do Mundial de 78.



Disponível em: < <http://www.gettyimages.ie/detail/news-photo/11th-world-soccer-cup-in-buenos-aires-argentina-on-may-01-news-photo/124132227> > Acesso em: 30 de novembro de 2015

Figura 5: Havelange, Neuberger e os generais ao fundo.



Disponível em: < <http://theantiquefootball.com/post/120021789053/jo%C3%A3o-havelange-world-football-immortal> > Acesso em: 30 de novembro de 2015.

Figura 6: Videla e João Havelange juntos na Copa do Mundo de 1978.



Disponível em: < <https://medium.com/@paalpot75/jo%C3%A3o-havelange-the-immortal-emperor-of-world-football-7963084aa3f1#.n6117gw8i> > Acesso em: 30 de novembro de 2015

7) FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Primárias

EL LITORAL, 1 de Dezembro de 1976, Santa Fé, Argentina.

EL LITORAL, 15 de Janeiro de 1978, Santa Fé, Argentina.

FOLHA DE SÃO PAULO, 20 de Agosto de 1976, São Paulo, Brasil.

FOLHA DE SÃO PAULO, 25 de Junho de 1978, São Paulo, Brasil.

FOLHA DE SÃO PAULO, 26 de Junho de 2008, São Paulo, Brasil.

REVISTA PLACAR, Editora Abril, 17 de Outubro de 1975.

REVISTA PLACAR, Editora Abril, 7 de Novembro de 1975.

REVISTA PLACAR, Editora Abril, 5 de Março de 1976.

REVISTA PLACAR, Editora Abril, 30 de Dezembro de 1977.

REVISTA PLACAR, Editora Abril, 20 de Janeiro de 1978.

REVISTA PLACAR, Editora Abril, 27 de Janeiro de 1978.

REVISTA PLACAR, Editora Abril, 02 de Março de 1978.

REVISTA PLACAR, Editora Abril, 23 de Junho de 1978

REVISTA PLACAR, Editora Abril, 30 de Junho de 1978.

REVISTA PLACAR, Editora Abril, 18 de Junho de 1982.

2. Bibliografia

2.1) Livros:

AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou Morrer:** futebol, geopolítica e identidade nacional. Rio de Janeiro : FAPERJ : Mauad, 2002

ANGOSO, Ricardo. **Jorge Rafael Videla se confiesa.** La historia jamás contada de un periodo turbulento. Buenos Aires: Asociación Lecturas, 2012.

DEVOTO, Fernando; MADERO, Marta. **Historia De La Vida Privada En La Argentina.**

Buenos Aires : Taurus, 1999.

DUARTE, Orlando. **Todas as copas do mundo**. Sao Paulo: Makron Books Brasil, 1987.

FARIAS, Airton de. **Uma história das Copas do Mundo : futebol e sociedade**, volume I. / Airton de Farias ; Ilustrações Daniel Brandão. - Fortaleza : Armazém da Cultura, 2014.

FRANCO Jr., Hilário. **A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura**. São Paulo : Companhia das Letras, 2007.

HEIZER, H. Teixeira. **Jogo bruto das copas do mundo(o)**. Rio de Janeiro: Mauad, 1997.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo : Perspectiva, 2000.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Porto Alegre: L&PM, 2013.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do Futebol: Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo : Nova Alexandria, 2002

NOVARO, Marcos. **A ditadura militar argentina 1976-1983: do golpe de estado à restauração democrática**. São Paulo: EdUSP, 2007.

OLIVEN, Ruben George; DAMO, Arlei Sander. **Fútbol y cultura**. Bogotá: Norma, 2005.

PALACIOS, Ariel. **Os hermanos e nós** / Ariel Palacios e Guga Chacra. - São Paulo : Contexto, 2014.

ROHDEN, Luiz. **Filosofia e Futebol: troca de passes**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

ROMERO, Amilcar G. **Muerte en la cancha (1958-1985)**. Buenos Aires: Editorial Nueva América, 1986.

2.2) Teses e Dissertações:

MOLINARI, Carlos. **Jorge Rafael Videla e o “Processo de Reorganização Nacional”: A construção de uma ditadura militar.** 2013. 39 f. Monografia (Graduação em História), Departamento de História, Universidade de Brasília, Brasília. 2013.

2.3) Artigos e Capítulos:

GOLDMAN, Francisco. **Filhos da Guerra Suja.** Revista Piauí, 2012. pág. 1-3.

RIBEIRO, Luiz Carlos. **Futebol e ditadura militar na América Latina: a experiência do C.O.B.A.** In: ANPUH, XXVII, 2013.

WITTER, José Sebastião. **As fontes para o estudo do esporte no Brasil, no século XX.** In: SIMPÓSIO NACIONAL DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA, 8., 1975, Aracaju. Anais do VIII Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História. A propriedade rural. São Paulo: FFLCH-USP, 1976. v.3.

WITTER, José Sebastião. **Futebol – um fenômeno universal do Século XX.** Revista USP, São Paulo, 2003. v. 58.

2.4) Filmes

ARGENTINA CAMPEONES: 1978 Fifa World Cup Official Film, Direção: Steve Hudson. Fotografia: Roland Henze. Worldmark Productions, 1978, 1 DVD (90 min), color.